



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**MATHEUS HENRIQUE DA SILVA ALCANTARA**

**A CONSTRUÇÃO DO NACIONALISMO A PARTIR DA  
ICONOGRAFIA: A RELAÇÃO ENTRE OS SELOS E A POLÍTICA  
OTOMANA DOS JOVENS TURCOS (1908-1918).**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2021**

**MATHEUS HENRIQUE DA SILVA ALCANTARA**

**A CONSTRUÇÃO DO NACIONALISMO A PARTIR DA  
ICONOGRAFIA: A RELAÇÃO ENTRE OS SELOS E A POLÍTICA  
OTOMANA DOS JOVENS TURCOS (1908-1918).**

**Trabalho de Conclusão Curso  
(Monografia) apresentado ao Curso de  
Licenciatura em História do Centro de  
Humanidades da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciado em  
História.**

**Orientador: Professor Dr. José Otávio Aguiar.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2021**



A347c Alcantara, Matheus Henrique da Silva.

A construção do nacionalismo a partir da iconografia: a relação entre os selos e a política otomana dos jovens turcos (1908-1918). / Matheus Henrique da Silva Alcantara. - 2021.

85 f.

Orientador: Prof. Dr. José Otávio Aguiar.

Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia (Curso de Licenciatura em História) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Humanidades.

1. Império Otomano. 2. Iconografia. 3. Selos postais - correio Otomano. 4. Jovens turcos. 5. História da Turquia. 6. Nacionalismo Otomano. 7. Turquia - Nacionalismo. 8. Filatelia - Turquia. 9. Imagens - análise. 10. Política Otomana. I. Aguiar, José Otávio. II. Título.

CDU:94(560)(043.1)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**MATHEUS HENRIQUE DA SILVA ALCANTARA**

**A CONSTRUÇÃO DO NACIONALISMO A PARTIR DA  
ICONOGRAFIA: A RELAÇÃO ENTRE OS SELOS E A POLÍTICA  
OTOMANA DOS JOVENS TURCOS (1908-1918).**

**Trabalho de Conclusão Curso  
(Monografia) apresentado ao Curso de  
Licenciatura em História do Centro de  
Humanidades da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciado em  
História.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Professor Dr. José Otávio Aguiar.  
Orientador – UAHIS/CH/UFCG**

---

**Professor Dr. José Luciano de Queiroz Aires.  
Examinador I – UAHIS/CH/UFCG**

---

**Professor Felipe Cardoso de Souza.  
Examinador II – Mestrando PPGH/UFCG**

**Trabalho aprovado em: 20 de outubro de 2021.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

## DEDICATÓRIA

À minha querida família, que tanto admiro,  
dedico o resultado do esforço realizado ao  
longo deste percurso.

## AGRADECIMENTOS

Presto meus agradecimentos iniciais a minha família, em especial a minha companheira Luana Matias pelo apoio incondicional extremamente necessário na escrita do texto, a minha irmã Millena Judite pela sua incessante curiosidade pelo meu trabalho, bem como meus pais, Josenilson e Ana Paula da Silva Alcântara.

Agradeço também ao meu orientador, José Otávio Aguiar, pela excelente orientação e pelo interesse e apoio na construção deste trabalho, dividindo as dúvidas e problemáticas da pesquisa. Cito também o professor José Luciano Queiroz de Aires, pelo contínuo apoio durante a graduação, e por apresentar as leituras fundamentais para a formação do meu pensamento crítico sobre a sociedade capitalista.

Os meus inestimáveis companheiros do Programa de Educação Tutorial (PET), e do Projeto Memória, merecem meu respeito, carinho e admiração. Esse trabalho é um amálgama de tudo o que aprendi com vocês, fazendo com que cada página tenha um traço de nossas experiências compartilhadas. Com grande estima, cito de modo especial os nomes de grandes historiadores, Arthur Andrade, Alex Campelo, Alberto Luciano, Erykles Natanael, Felipe Cardoso e Marcos Naadison. Agradeço igualmente a todos aqueles que não citei, mas que fizeram parte da minha caminhada na graduação. Cada um teve seu grau de importância na minha trajetória acadêmica, seja lendo textos, debatendo ou em discussões políticas tomando um café à tarde.

Todo conhecimento está comprometido com interesses sociais. Esse fato dá uma dimensão mais ampla ao conceito de ideologia, ela é uma “visão de mundo”, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica, e explica a ordem social (José Luiz Fiorin, Linguagem e Ideologia, 2001, p. 29)

## RESUMO

Em 1908, explode no Império Otomano uma revolução que se alastra por diversas províncias, cujos líderes nacionalistas, defendem a limitação dos poderes do Sultanato e reformas políticas para impedir a desintegração do Império. O presente trabalho se propõe problematizar a questão do nacionalismo no interior do Império Otomano, durante o domínio político dos Jovens Turcos em seu período a frente do governo otomano (1908-1918), a partir das noções de *Nacionalismo* pensado a partir de Hobsbawn (1990), e de *Aparelhos Ideológicos do Estado* de Althusser (1985). Para o desenvolvimento da nossa pesquisa, foi feita uma análise histórica dos selos postais, que foram confeccionados pelo Correio Otomano, no auge da propaganda nacionalista, tendo-os como instrumentos ideológicos, uma vez que eram veiculados no principal meio de comunicação da época. No que diz respeito á metodologia empregada no estudo, trabalhamos com aquela esboçada por Rolland Barthes (1984) na análise das imagens.

Palavras-Chave: Império Otomano; Nacionalismo; Selos.



## ABSTRACT

In 1908, a revolution broke out in the Ottoman Empire that spread across several provinces, whose nationalist leaders defended the limitation of the Sultanate's powers and political reforms to prevent the Empire's disintegration. The present work proposes to problematize the issue of nationalism within the Ottoman Empire, during the political domain of the Young Turks in their period at the head of the Ottoman government (1908-1918), based on the notions of *Nationalism* thought from Hobsbawn (1990), and of *Ideological Apparatuses of the State* of Althusser (1985). For the development of our research, a historical analysis was made of the postage stamps, which were made by the Correio Ottoman, at the height of nationalist propaganda, using them as ideological instruments, since they were published in the main means of communication at the time. With regard to the methodology used in the study, we work with the one outlined by Roland Barthes (1984) in image analysis.

Keywords: Ottoman Empire; Nationalism; Stamps.

## GLOSSÁRIO

*CALIFA*. A palavra califa designa o sucessor do profeta Maomé, pois quando o profeta veio a falecer no ano de 632, a comunidade muçulmana escolheu seu sucessor que passou a ser chamado de “*Khalifat Rasul Allah*” (o sucessor do Profeta de Deus). Deste modo, o califa ocupa a posição de líder temporal e espiritual da comunidade islâmica, bem como defensor dos lugares sagrados (as cidades santas de Meca e Medina).

*COMITÊ DE UNIÃO E PROGRESSO*. Do turco, *Ittihad ve Terakki Cemiyeti*, foi uma sociedade nacionalista formada por militares, intelectuais, e funcionários públicos, que passaram a ser conhecidos como “Jovens Turcos”. Que em 1908, organizaram um golpe de estado contra a autocracia da instituição do sultanato, tomando o poder e instituindo uma “monarquia constitucional”.

*JANÍZARO*. Do turco *Yeni Çeri* (novo soldado). Membro de elite militar otomana existente entre o século XIV e XIX. Originalmente crianças dos Bálcãs convertidas ao Islã e treinadas para o serviço do Império Otomano.

*JIHAD*. Guerra por expansão ou defesa do Islã. Teoricamente a única forma de guerra permitida ao muçulmano.

*KANUN-I ESASI*. Pode ser traduzida como Lei Básica. Foi a primeira constituição do Império Otomano, proclamada pelo Sultão Abdülhamid II em 1876, sendo revogada em 1878. Somente, em 1908 é resgatada como parte do programa político dos revolucionários Jovens Turcos.

*MILLET*. Comunidade cuja organização autônoma era reconhecida pelo governo otomano.

*MECLIS-I MEBUSAN*. Pode ser traduzido como, Câmara dos Deputados, foi instituída pela Constituição de 1876, sendo formada por representantes eleitos para mandatos de quatro anos. Contudo, foi fechado em 1878, sendo reaberta somente após a Revolução dos Jovens Turcos de 1908.

*MUTASSARRIFLIK*. Unidade administrativa otomana governada diretamente pela Sublime Porta.

*SUBLIME PORTA*. Do turco, *Bab-i Ali* (tradução, Grande Porta) era a designação, entre 1718 e 1922, do governo do Império Otomano, local onde ficavam localizadas as sedes dos ministérios imperiais.

*TANZIMAT*. “Reorganizações”. Época de amplas reformas “modernizadoras” no Império Otomano. Diz respeito ao período que vai de 1839-1876, com alguns historiadores incluindo ainda o sultanato de Abdulhamid II (1876-1909).

*PALÁCIO TOPKAPY SARAYI*. Foi construído por Muhammad II, após a tomada de Constantinopla em 1453, como residência oficial do sultanato otomano.

*PAXÁ*. Paxá era o título conferido ao governador de uma província (paxalato), que por sua vez era dividida em unidades administrativas menores, os *sandjaks*, sob comando de um *sandjak bey*. (Santos, 2018, p. 16)

*TUGHRA*. Monograma dos sultões otomanos.

*ULEMÁ*. Integrantes da comunidade muçulmana graduados nas escolas religiosas (*Madrassas*), atuando como professores, teólogos e advogados, sendo os responsáveis pelos ritos religiosos e guardiões da *charia*, a lei sagrada presente no Alcorão.

*VILAYET*. Província otomana.

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Império Otomano, no auge de sua expansão até o declínio.....	41
Mapa 2 – Península de Galípoli e a localização do desembarque das forças Aliadas no dia da invasão.....	72
Mapa 3 – Mapa geopolítico do Oriente Médio antes de 1914.....	73
Mapa 4 – Mapa geopolítico do Oriente Médio nos anos 1920.....	73

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. CAPÍTULO I – O ÚLTIMO IMPÉRIO MUÇULMANO: OS DESAFIOS IMPOSTOS PELO IMPERIALISMO LIBERAL.....	20
2. CAPÍTULO II – REVOLUÇÃO E NACIONALISMO: A POLÍTICA OTOMANA DOS JOVENS TURCOS.....	42
2.1 PROPAGANDA E IDEOLOGIA: NACIONALISMO TURCO NOS SELOS POSTAIS.....	50
2.2 O FIM DO CONFLITO MUNDIAL E O ADVENTO DA TURQUIA MODERNA.....	65
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
5. ANEXOS.....	83

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa iniciou-se nos estudos de História Oriental no curso de graduação em licenciatura em História, pela Universidade Federal de Campina Grande–PB, especialmente com as leituras de clássicos como Albert Hourani, Bernard Lewis e Edward W. Said. Estudos estes que foram aprofundados ao longo da formação com a leitura de pesquisas brasileiras, como a da professora Monique Sochazewski, “Do Rio de Janeiro a Istambul: contrastes e conexões entre o Brasil e o Império Otomano (1850-1919)”, que aborda o relacionamento entre o Brasil e o Império Otomano, o papel geopolítico dos dois impérios periféricos e as suas diferenças sociais, políticas e econômicas. O que resultou no fascínio pela cultura do Oriente Médio, tendo como resultado a aquisição de selos otomanos, impressos e distribuídos pelo serviço postal otomano entre 1880 e 1930. O que desencadeou no desenvolvimento de um trabalho sobre o nacionalismo no Império Otomano tendo como fundamento de análise os selos postais utilizados entre 1908 até 1918, no auge do governo ufanista dos Jovens Turcos. Procurando por este meio compreender os eventos transcorridos no Oriente Médio neste período, uma vez que eles aparentam terem sido fundamentais para a instauração de um processo migratório de súditos otomanos para outros continentes.

Nos últimos anos o campo de pesquisa da História Oriental tem se expandido, através de novas abordagens e debates sobre as civilizações orientais, grosso modo, o que tem sido escrito nacionalmente se insere na discussão a respeito da formação étnica, política e cultural destes povos. E ao longo desses anos as pesquisas sobre o Império Otomano, tem se centrado nos imigrantes das províncias da Síria e do Líbano, em contraposição a uma análise política e econômica do fim de um dos impérios mais longevos da história humana. Por isso compreendemos que problematizar a questão do nacionalismo durante o Império Otomano pode apresentar um novo olhar sobre antigas questões. Além disso, se constitui com um assunto bastante atual, devido á onda de nacionalismo autoritário que invade a Turquia sobre o governo do presidente Recep Tayyip Erdoğan.

Como já discutimos no início desta pesquisa, poucos trabalhos abordam o Império Otomano e suas relações com o Brasil, o que aponta para a falta de estudos sobre a história dos principais parceiros comerciais do Brasil na região, pois o Império Otomano é parte fundamental do passado de mais de doze países do Oriente Médio,

especialmente de sua herdeira política, a atual República da Turquia. Deste modo, essa ausência de pesquisas sobre a temática é uma das nossas justificativas para este projeto, uma vez que a construção de um estudo sobre a sociedade otomana se constitui como um meio de compreensão, do ponto de vista político e social desses países na atualidade.

Além de oferecer aos futuros pesquisadores e leitores do produto final desta pesquisa, um instrumento de entendimento das disputas políticas do século XIX inflamadas pela onda de nacionalismos, que levou a deflagração da Primeira Guerra Mundial. O nosso trabalho pretende contribuir para a análise crítica do desenvolvimento do nacionalismo por meio dos selos, e como estes atuaram com instrumentos de disseminação de ideologia das classes dominantes turcas, em um contexto de encolhimento territorial e crise econômica e política, nosso trabalho pretende ser, portanto, inovador no que diz respeito às fontes utilizadas.

Nós problematizaremos os problemas políticos do Império, essencialmente no primeiro capítulo, onde discutiremos as relações deste com os países imperialistas da Europa. Onde forneceremos um balanço sobre as tentativas da administração otomana em remodelar suas instituições, com o objetivo de impedir o esfacelamento territorial e a submissão ao capitalismo europeu. Num segundo momento, faremos uma análise política dos grupos nacionalistas que disputam o poder no interior do Império, principalmente no segundo capítulo, onde analisaremos os selos postais utilizados pelo correio otomano na taxaço da correspondência, como instrumentos de propaganda nacionalista.

Como o Império Otomano, que na época compreendia um vasto império multiétnico e multicultural, esteve relacionado com o processo de desenvolvimento de nacionalismos entre os anos de 1870 e 1914? Quais as características particulares deste processo na sociedade otomana? Como surgiu a identidade otomano-turca? Porque ela foi representada em selos? Qual o papel ideológico desempenhado pelos selos postais? O que eles representavam, e por que representavam? Quem eram os construtores dessas imagens? Tomando como ponto inicial estes questionamentos procurarei desenvolver um trabalho analisando o nacionalismo otomano, por meio da construção imagética que o Estado fazia através dos selos, durante este período.

Deste modo, partimos para analisar os selos como instrumentos projeto político nacionalista turco-otomano, promovido pelos Jovens Turcos (1908), em uma tentativa de restaurar a “grandiosidade” do Império através do sentimento de pertencimento étnico-territorial-religioso, o que acabou por promover políticas tanto de enaltecimento cultural e arquitetônico, quanto de segregação étnico-religiosa, especialmente entre as populações cristãs que habitavam o Império. Estes povos, que habitavam os territórios que hoje correspondem à Síria, Líbano e Armênia, e se encontravam sujeitos ao domínio otomano, passaram a estabelecer levas migratórias para outros países, entre eles o Brasil, principalmente se fixando em grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro, onde promoveram uma identidade cultural afastada do mundo otomano e mais próxima do país em que residiam, mas, que não obstante, mantiveram contato com seus parentes no outro lado do Atlântico.

No que diz respeito aos caminhos teóricos e metodológicos adotados, a análise proposta nesta pesquisa está inserida no campo da teoria e método da História Política. Discutiremos, em nosso caso, o papel representativo do poder imperial otomano nas imagens veiculadas nos selos postais, como fontes iconográficas por meio das quais desenvolveremos nossa análise. Tomando como ponto inicial o entendimento de que essas imagens correspondem a ilustrações oficiais do Estado, fato este explicado pelo “papel específico” dos selos na estrutura administrativa, financeira e na própria integração do Império, atentando-se para o fato de que era o próprio aparelho estatal o responsável por sua produção (determinando o material, as cores, os formatos e os valores) e distribuição. Deste modo, com base em Louis Althusser, *“Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado”* (1980), os selos assumiram o papel de instrumentos ideológicos do Estado Otomano, atuando na disseminação da ideologia política dominante no período.

Analisaremos, a partir Benedict Anderson e Eric Hobsbawn, como o pensamento nacionalista foi sendo despertado nos territórios de controle otomano, e como este foi utilizado, pela administração central dos Jovens Turcos (1908), para impor um “modelo” de nacionalismo. Partindo desse pressuposto, optamos por problematizar a questão do sentimento de pertencimento nacional, de cunho ufanista, buscando compreender de que forma surge o nacionalismo e como este é utilizado pelo Estado para promover a dominação sobre a sua e outras populações.



O que resultou na problematização das imagens presentes nos selos e suas representações no pensamento árabe do período, em contraste, sobretudo com aqueles que procuram construir um retrato homogêneo. A partir disso, foi possível perceber as intenções políticas que cercaram a produção imagética sobre o Império e, no caso específico desta pesquisa, os vários aspectos em torno da produção filatélica que procurava representar o poder do sultão, ao reproduzir a *tughra* (monograma caligráfico, assinatura, semelhante ao selo real ocidental), ou as reproduções de monumentos da capital, Constantinopla, que procuravam reviver o sentimento de pertencimento a uma história de dominação otomana de quase cinco séculos.

Sobre as fontes utilizadas, constituem-se de selos postais dos correios do Império Otomano referentes aos anos de 1880 á 1918 que circulavam pela correspondência nacional e internacional. Metodologicamente, escolhemos ler as nossas fontes a partir da proposta esboçada por Cabral (2009) que enxerga os selos como veículos das imagens oficiais do Estado, e, portanto, construtos que correspondem a operações mentais, confeccionadas individual ou coletivamente, com o objetivo de construir uma identidade no nível representacional. Na proposta deste autor, acrescenta-se á análise dos selos a constatação de afinidades entre a imagem fotográfica e o padrão das imagens presentes nos selos. Por isso acreditamos ser possível utilizar o método elaborado Roland Barthes, em “*A câmara clara. Nota sobre fotografia*” (1984), no qual o autor apresenta *Código de Conotação Fotográfica* que corresponde às cores, efeitos e gestos, frutos de uma prática coletiva, cultural e histórica, que possibilitam o consumo da imagem tanto no plano ideológico quanto simbólico. Permitindo através dessa proposta metodológica a definição dos sujeitos responsáveis pela criação e produção das imagens que seriam os *operadores*, e os sujeitos consumidores dessas imagens, os *spectatores*, onde ambos estão inseridos em um *studium*, que pode ser caracterizado como todo o panorama político, social, cultural e histórico, no qual estes sujeitos estão inseridos.

Assim, amparados por Barthes e Althusser, defendemos a ideia de que os selos postais funcionaram como produtos culturais e ideológicos do Estado, sendo elaborados, confeccionados e divulgados para promover uma determinada concepção de mundo, cumprindo a função de difundir determinada cultura e valores conectados a grupos sociais que exerceram influência política e social. Atingindo, desse modo, a

população sobre seu controle com ideias sobre o pertencimento étnico-racial e territorial, no objetivo de despertar o nacionalismo turco-otomano.

Aponto para os estudos sobre o Oriente Médio do historiador britânico Bernard Lewis, “*O que deu errado no Oriente Médio*” (2002) e “*A Crise do Islã. Guerra santa e terror profano*” (2004), que apresentam uma análise crítica do declínio do Império Otomano frente às modificações impostas pelo avanço do capitalismo imperialista e industrial nos séculos XIX e XX. As obras de outro historiador britânico merecem menção, “*O pensamento árabe na era liberal 1798-1939*” (2005) e “*Uma história dos povos árabes*” (2005) de Albert Hourani, apresentam uma visão mais sociológica dos caminhos percorridos pelos povos do Oriente Médio e da própria decadência do Império Otomano. O “*Declínio e queda do Império Otomano*” (2013) do historiador e biógrafo Alan Palmer, traz a história do Império Otomano alicerçado em uma extensa pesquisa bibliográfica.

No que diz respeito aos trabalhos desenvolvidos nacionalmente, embora escassos, abordam sobremaneira a temática da imigração das populações provenientes do antigo Império Otomano para o Brasil, alguns trabalhos merecem nossa atenção devido à diversidade de fontes utilizadas e a qualidade do texto produzido. Neste sentido, apresentamos “*Do Rio de Janeiro a Istambul. Contrastes e conexões entre o Brasil e o Império Otomano (1850-1919)*”, que citamos anteriormente, livro que se originou da tese de doutorado de Monique Sochaczewski, no “Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais”, da Fundação Getúlio Vargas em 2012, e que compreende o nosso recorte temporal, sendo leitura obrigatória para a compreensão das relações socioculturais entre o Império Otomano e o Brasil, trabalho que se encontra disponível gratuitamente no site da Fundação Alexandre Gusmão<sup>1</sup>.

Uma segunda leitura, o livro “*Patrícios - Sírios e Libaneses em São Paulo*” publicado em 1997, como resultado da tese de doutorado em Ciências Sociais de Oswaldo Mario Serra Truzzi, que aborda a imigração das regiões da Síria e do Líbano para o Brasil, bem como a trajetória desses grupos de imigrantes na cidade de São Paulo. O autor se utiliza de jornais da época, complementados por dados oficiais do arquivo público da cidade e do estado para traçar uma análise sobre a situação social

---

<sup>1</sup> Site da Biblioteca/Livraria da Fundação Alexandre Gusmão, ligada ao ministério de Relações Exteriores: < <http://funag.gov.br/biblioteca/> >. Acesso: ago. 2018.

desses imigrantes no Brasil. Além deste livro o autor conta com diversos artigos publicados sobre o tema, como “*Lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos – um enfoque comparativo*” (2001), “*Sírios e Libaneses no Oeste Paulista (décadas de 1880 a 1950)*” (2019), “*A presença árabe na América do Sul*” (2007), “*Sírios e Libaneses: A alavancagem pelo comércio*” (1993), entre outros trabalhos. Outro trabalho nacional, que pensamos como basilar para a pesquisa é um dos poucos estudos publicados sobre filatelia no Brasil, embora se tratando dos selos produzidos pelo Estado Imperial brasileiro, o autor apresenta um domínio sobre a bibliografia que torna o estudo passível de ser utilizado para a interpretação e estudo de selos, de autoria do historiador carioca Luciano Mendes Cabral, o livro “*Selos, Moedas Poder: o Estado Imperial brasileiro e seus símbolos*” (2009), analisa os selos como instrumentos políticos e ideológicos em sua interpretação sobre o papel de moedas e selos para a construção da nacionalidade brasileira.

. Juntamente com a presente introdução, essa monografia está estruturada em mais dois capítulos. No capítulo 1, intitulado “O último império muçulmano: os desafios impostos pelo imperialismo liberal” serão debatidos as reformas políticas e administrativas do período do *Tanzimat*, ou período das Reformas, que compreende o período de 1839 até 1876, onde o Sultanato procurou reorganizar a estrutura política, econômica e militar do Império, com o objetivo de impedir a sua decadência frente às potências europeias. Isso permitiu uma aproximação com o Ocidente, especialmente com as potências imperialistas da época, como a França e a Inglaterra, e posteriormente com a Alemanha, que adentraram no território otomano com investimentos em ferrovias, transporte, comunicações e tecnologia. Além de pesados investimentos no setor militar, outros setores econômicos foram alvos do capital estrangeiro, o setor de comunicações foi modernizado para a interligação das diferentes regiões do império, e nessa esteira surge em 23 de outubro de 1840, o Ministério dos Correios Otomano, que marcou o início do desenvolvimento do sistema postal, e a confecção dos primeiros selos otomanos. Finalizamos esse primeiro capítulo com a Revolução dos Jovens de Turcos de 1908, que inaugurou a era da “monarquia constitucional otomana” e do pensamento nacionalista turco-otomano, com o lema “União e Progresso”.

No segundo capítulo, intitulado “Revolução e Nacionalismo: A Política Otomana dos Jovens Turcos” discutiremos os objetivos dos *operadores* no que diz respeito à produção dos selos, com enfoque na questão do nacionalismo que começa a

atrair pensadores de todo o mundo árabe e otomano, na tentativa de construir uma estrutura de política capaz de enfrentar as transformações promovidas pelo capitalismo imperialista europeu conservando as doutrinas islâmicas. A ascensão do nacionalismo na política otomana provocou a produção de selos com representações do Sultão, da arquitetura e das construções públicas e religiosas da capital (Constantinopla) e, após o início das hostilidades em 1914, á representação do soldado otomano na frente de batalha. Fazendo desse modo, com que os selos atuassem na disseminação de uma ideologia política, tendo como resultados o massacre de minorias cristãs em todo o território otomano, especialmente na Anatólia Oriental (caso armênio) e de minorias cristãs na costa ocidental da península arábica.

## CAPÍTULO I – O ÚLTIMO IMPÉRIO MUÇULMANO: OS DESAFIOS IMPOSTOS PELO IMPERIALISMO LIBERAL

Na região do Oriente Médio, onde atualmente está localizada a República da Turquia, fizeram-se presentes vários impérios, antes do nascimento e declínio do Império Otomano, contudo, não é objetivo deste trabalho analisar por completo este último. Nosso objetivo é pensar a tentativa de construção de um Estado Nacional dentro das fronteiras otomanas, durante seu período de declínio, por meio das imagens oficiais, neste caso os selos postais. Objetivando este fim, tais imagens não surgiram de forma espontânea, mas foram produzidas por indivíduos, engajados em um projeto de formação de um Estado Nacional íntegro e coeso, ao longo do tempo. Em nossa análise consideramos que o Período do *Tanzimat*, ou Era das Reformas, que corresponde aos anos de 1839 até 1876, como ponto inicial, pois foi neste período que se desenvolveu um sistema postal, e conseqüentemente a base para a produção dos selos em estudo.

Neste caso um ponto de distensão para o início de nossa narrativa se encontra na Revolução Francesa de 1789, que trouxe consigo uma nova estrutura política para um mundo que estava imerso na autocracia das monarquias absolutistas, a República. A revolução de 1789, em apenas três anos, pôs fim a dominação de séculos de monarquia e instaurou um conturbado período republicano na França. Contudo, ela foi atingida pelo mesmo mal que marcava seu antecessor, o despotismo, neste caso específico na figura de Napoleão Bonaparte, esse jovem e ousado oficial francês, protagonizou um golpe de estado, conhecido como 18 de Brumário (9 de novembro de 1799), se autoproclamando imperador da França e iniciando uma série de campanhas militares contra os vizinhos europeus, dando início as Guerras Napoleônicas<sup>2</sup> (1803- 1815), que se configuraram em um dos eventos mais dramáticos do século XIX, e seriam responsáveis por abalar os pilares das sociedades de então, modificando toda estrutura política e diplomática em vigência

O Congresso de Viena<sup>3</sup>, de outubro de 1814 e julho de 1815, redefiniu os papéis das nações europeias emersas do conflito, produzindo o que seria o primeiro experimento de cooperação entre as nações “livres” para a manutenção da “paz”. No

---

<sup>2</sup> Série de conflitos entre o Império Francês, liderado por Napoleão Bonaparte, contra mais de 30 nações europeias e suas coalizões (Inglaterra, Espanha, Portugal, Suécia, Países Baixos, Império Otomano, entre outros); entre 1803 e 20 de novembro de 1815.

<sup>3</sup> Uma conferência entre líderes e embaixadores das grandes potências europeias, que aconteceu na capital da Áustria, entre 1814 e 1815, para redefinir o mapa geopolítico pós-napoleão.

outro lado do Atlântico, os Estados Unidos da América ainda enfrentavam a pressão britânica pela retomada de suas antigas colônias<sup>4</sup>, assim como enfrentava desafios políticos e sociais para sua estabilização como nação. Com relação ao Brasil, a vinda da família imperial em 1808 fugindo da invasão napoleônica a Portugal, trouxe a corte portuguesa para os trópicos e seu retorno forçado a Europa “livre” provocaria, em grande medida, o processo que culminaria com a independência no dia 7 de setembro de 1822.

Enquanto isso, o Império Otomano permanecia a “margem” dos conturbados eventos que abalavam o Ocidente, contudo, não permaneceu incólume as grandes transformações sociais e políticas vindas do Ocidente, pois via, nesse início do século XIX, a perda de uma de suas mais produtivas províncias tributárias, o Egito, para os franceses. Esse período conhecido pelos franceses como a Campanha do Egito, entre 1798 e 1801, foi um empreendimento ousado para o Império Francês que invadiu a província egípcia sob a prerrogativa de destronar o poder dos manelucos<sup>5</sup> no Cairo, e promover a instalação, em nome do Sultão, de um “governo eficiente” francês, mas o real objetivo estava na instalação de bases militares e navais para deslocar as tropas para a Índia, e sobre os domínios britânicos na região, controlando assim parte considerável da região do Levante<sup>6</sup>.

Com esses objetivos, o Diretório (governo francês) autoriza um de seus mais jovens e brilhantes generais a partir com mais 38 mil homens para o Egito. Após a vitória decisiva das forças francesas na Batalha das Pirâmides de 21 de julho de 1798, as forças invasoras adentraram na capital e tomaram o controle da província. Bonaparte instituiu um governo civil que, nas palavras de Alan Palmer (2013, p.58):

Seu governo civil se tornou modelo de boa administração, a mais competente que o Egito já conhecera em muitos séculos. Apesar da situação de guerra, começaram os projetos de irrigação, foram construídos novos moinhos e hospitais, o funcionamento dos mercados melhorou, e a coleta de impostos ficou mais eficiente.

A resposta otomana foi lenta, principalmente devido às dificuldades de comunicação, o Sultão Selim III se recusou a considerar o exército francês aliado,

---

<sup>4</sup> A Guerra Anglo-Americana de 1812 foi o ápice das tentativas britânicas de retomadas de suas antigas colônias americanas, que culminou em perdas materiais (destruição de cidades) e humanas pelo elevado número de perdas pelos dois lados, e a manutenção da independência e soberania pelos norte-americanos.

<sup>5</sup> Corporação militar formada por escravos.

<sup>6</sup> O Levante corresponde a um termo geográfico bastante impreciso, que compreende uma grande área do Oriente Médio ao Sul dos Montes Tauros, variando bastante entre os mapas.

formalizando apenas em setembro uma declaração de guerra à República da França, e somente um mês depois através de um decreto do soberano é instituída a *Jihad*<sup>7</sup> contra os “infieis” que ocupavam o Egito. Neste interim Napoleão já avançava sobre a costa mediterrânea do Oriente Médio, e se dirigia para Acre<sup>8</sup>. As forças otomanas resistiram por sete meses, até as tropas francesas desistirem do cerco após uma epidemia de peste bubônica, somada chegada das tropas otomanas, ocasionando o recuo do exército francês para o Egito, Napoleão só retornou para França em meados de outubro de 1800.

Com o auxílio da terrestre e naval da Grã-Bretanha, os otomanos conseguiram desembarcar em Alexandria, e após uma cansativa campanha de sete meses, aprisionaram as forças francesas. Para o historiador britânico Bernard Lewis (2002), este fato demonstrou a precariedade da força militar otomana, frente não somente a invasão francesa, mas também a comunidade internacional da época, por necessitar que outra nação (Inglaterra) intervisse para por fim a usurpação francesa.

Logo após a assinatura do Tratado de Amiens em 1802, que pôs fim as hostilidades franco-otomanas, o Sultão rapidamente retornou as suas tradicionais relações com a França, o que resultou na perda de popularidade frente aos “senhores feudais”<sup>9</sup> do Líbano, Síria e do interior da Anatólia que haviam sofrido com a invasão francesa. Propriedades confiscadas foram devolvidas, e transações comerciais favoráveis ao Levante foram estabelecidas, enquanto que os franceses receberiam permissão de aportar nos portos do Mar Negro (Palmer, 2013). No que diz respeito ao Egito, o Sultão nomeou Muhmmad Ali, um comerciante de tabaco que havia chegado antes da invasão francesa como um oficial de baixo escalão na província, que ascendeu rapidamente aos postos de poder por derrotar as forças mamelucas em oposição que procuravam recuperar seu antigo *status*; ao posto de governador do Egito onde passou a implementar reformas, conhecidas como “Nova Ordem” ainda em 1803.

---

<sup>7</sup> Guerra por expansão ou defesa do Islã. Teoricamente a única forma de guerra permitida ao muçulmano.

<sup>8</sup> Acre é uma cidade no interior do atual estado de Israel, que possui uma grande importância histórica. O primeiro relato sobre a cidade remonta aos eventos do Antigo Testamento, mas é na Idade Média que ela se destaca por ser um constante palco de disputa entre as forças cruzadas e muçulmanas.

<sup>9</sup> Grandes proprietários de terras, que acumulavam tanto o poder político quanto econômico nas regiões do Líbano, Síria e interior da Anatólia. A utilização do termo “senhores feudais” para classificar os grandes proprietários de terras, deve-se em parte a utilização do trabalho servil por parte dos camponeses da região.

Contudo, havia certo ressentimento pela invasão ao Egito e desconfiança quanto às intenções francesas sobre os Estreitos Turcos<sup>10</sup>, com isso as relações entre os dois impérios começaram rapidamente a se fragilizar, principalmente por um conflito diplomático causado pelos embaixadores de ambos os países. Primeiramente, a escolha do Sultão para embaixador em Paris foi estranha e inesperada, vista pelos franceses como motivo de piada, pois Mehmed Said Halet Effendi era um muçulmano fanático, que enviado a “terra de infiéis” se viu em situação degradante. Segundo, a escolha por Napoleão Bonaparte, então imperador da França, para embaixador junto a Sublime Porta foi ainda mais equivocada, pois o Marechal Guillaume Brune se mostrou arrogante e insistente em exigir cortesias que a seu ver eram necessárias para um homem de sua posição (Palmer, 2013). Isto diminuiu consideravelmente a “influência” francesa, o que abriria espaço para os russos e ingleses.

Em uma manobra política Napoleão nomeou outro embaixador para Constantinopla, Horace François Bastien Sébastiani de La Porta, que havia adquirido bastante fama junto a Sublime Porta após a tomada de Viena (Áustria); sendo um dos poucos estrangeiros com o direito de portar sua espada na presença do Sultão. Além disso, o Sultão solicitou as forças francesas que acompanhavam o embaixador para realizar o seu projeto de modernização do exército, que foram chamadas de tropas “Nova Ordem” (veteranos dos confrontos no Egito). Isso provocou o descontentamento dos russos que viam no afastamento da França, uma oportunidade de estabelecer relações como os turcos, contudo, esse descontentamento rapidamente transformou-se em tragédia quando forças navais russas invadiram o Mar Negro, e ameaçaram os domínios otomanos. Os ingleses perceberam nesses conflitos de interesses uma oportunidade de conquistar territórios na orla do mar Mediterrâneo, e sob a iniciativa do então embaixador Charles Arbuthnot, uma invasão ao Egito fora organizada, mas sob a resistência de Muhammad Ali as tropas inglesas foram confinadas na praia e expulsas poucas semanas depois.

Com a ameaça russa no Mar Negro, o Sultão despachou a esquadra naval otomana e os exércitos da “Nova Ordem”, fazendo com que a cidade de Constantinopla ficasse desprovida de tropas, a mercê de ameaças internas ou externas. Não tardou

---

<sup>10</sup> Região que compreende o noroeste da Turquia, juntamente com Bósforo e o Dardanelos, que liga o Mar Mediterrâneo com o Mar Negro, compreende uma importante rota de marítima entre a Europa e a Ásia.



muito para que um movimento anti-ocidentalização fosse criando corpo na comunidade otomana, mas especificadamente em uma camada social privilegiada pelo *status* tanto militar quando político por ela desempenhado. Os janízaros constituíam um corpo militar de elite, criado pelo Sultão Murade I (1362-1389), era constituída inicialmente por crianças cristãs capturadas em batalha ou pagas como impostos pelas províncias cristãs conquistadas; estas eram levadas como escravas e treinadas nas mais variadas e aperfeiçoadas formas de combate, eram ensinadas técnicas administrativas e militares, além disso, eram convertidos ao Islã. O historiador britânico Albert Hourani (2005, p. 46) expõe em sua obra o surgimento desta casta militar de escravos, da seguinte forma:

Os escravos de origem caucasiana ou cristã balcânica, adquiridos por compra ou recebidos como tributo periódico, eram treinados nas escolas militares e palatinas e, segundo sua capacidade, tornavam-se soldados no Janízaro ou outros corpos do exército, criados do palácio ou altos funcionários do governo do sultão. Em sua melhor época, essa elite de escravos estava livre de laços de sangue pelo alistamento, conversão e educação, tinham perdido os seus laços originais e não podiam casar e, quando casavam, seus filhos não podiam ingressar no corpo do exército. Em lugar da *'asabiyya* natural, adquiriam algo diverso: um *esprit de corps* profissional, com lealdade dirigida para o trono do sultão.

Contudo, com o passar do tempo essa força militar passa por um processo de degradação. Com a ocupação de cargos na administração provincial, a disciplina militar é abandonada, a corrupção e os abusos de poder, enriquecem os membros desta casta militar que passam a estabelecer patriarcados hereditários em suas funções administrativas. Desta forma, passaram a enxergar as mudanças “ocidentalizantes” do Sultão Selim III como uma ameaça ao seu poder estabelecido, sob o engodo de lutar pela manutenção dos princípios islâmicos. O motivo da revolta de 1807 foi a imposição por parte do Sultão de que os oficiais janízaros utilizassem os uniformes em estilo francês das tropas da “Nova Ordem”. Concomitantemente a este evento, havia o descontentamento da população com os pesados impostos cobrados pelos “senhores feudais”, ademais havia a questão religiosa, onde muitos acreditavam que a ocidentalização proposta pelo Sultão resultaria na desagregação das antigas virtudes e valores islâmicos. Para Palmer (2013, p.70):

Selim se sentiu suficientemente seguro de sua posição e popularidade na capital para retomar sua política de ocidentalização, mas isso acabou se mostrando um erro de cálculo. Circulavam a boca pequena rumores de que ele convidara atores franceses para atuar em seu palácio e que, ao contrário do que prescreviam os ensinamentos da *ulema*, seus aposentos eram decorados com pinturas importadas da Europa ocidental mostrando o corpo humano. (...) Isso não quer dizer

que Selim estivesse disposto a desistir de suas almeçadas reformas. Para pagar novas armas, precisavam de dinheiro a mão. Portanto, feudos que auferiam renda, em terras da coroa, que seriam, por sua vez, entregues a arrendatários que não tinham nenhuma obrigação militar feudal e aos quais se permitia uma perigosa liberdade para escolher os métodos que empregariam para arrecadar dinheiro dos ocupantes de suas terras. Não foi surpresa esse tipo de arrendamento, o *iltizam*, ficar impopular entre os camponeses, rudemente explorado pelos inescrupulosos arrendatários: melhor o antigo sistema do que a “nova ordem”.

Após a saída das forças otomanas da “Nova Ordem” de Constantinopla, a população amparada pelas forças janízaras que desembarcaram na cidade, provocaram uma verdadeira revolta, que culminou com a deposição do Sultão Selim III em 29 de maio de 1807, em favor de seu sobrinho Príncipe Mustafa, que se tornou o Sultão Mustafa IV. Logo o novo Sultão se viu em meio a uma crise política, com as tropas da “Nova Ordem” perdendo espaço na fronteira do rio Danúbio pela falta de suprimentos, e os levantes constantes na capital. Somente em 24 de agosto de 1807 um armistício russo-otomano sob os auspícios de Napoleão, pois fim a este desentendimento entre os impérios. A ineficiência do Sultão em controlar os revoltosos que o levaram ao trono, demonstrou demasiadamente a sua incapacidade em governar, fazendo com que o general Mustafa Pasha Bayraktar realizasse um contragolpe que colocou no trono o Príncipe Mahmud.

Mahmud subiu ao trono para pôr fim às agitações, em especial a dos janízaros, contudo, a situação se agravou ainda mais. Procurando manter algumas reformas implementadas no tempo de seu tio, o Sultão se viu novamente envolto em conflitos com os corpos militares conservadores que assassinaram Bayraktar, e provocaram destruição por diversos distritos da capital. Após dias de destruição um acordo entre os chefes revoltosos e o Sultão selou a paz. O Sultão Mahmud II é considerado uma das figuras mais controversas da história do sultanato otomano, sendo por muitos de seu tempo considerado um traidor e um déspota, pelas suas tentativas de executar reformas vistas como “ocidentais”, enquanto que outros o viam como um governante esclarecido e capaz de resgatar a antiga glória do povo otomano. O historiador britânico Alan Palmer (2013, p. 77) é mais perspicaz ao afirmar que: “Mahmud é uma das personalidades mais enigmáticas da história. Desafia adjetivações demasiadamente simples, como um governante “bom” ou “ruim”.

O início de seu governo foi marcado pelo fantasma do medo de novas revoltas na capital do império, por isso o Sultão passou a residir no Gran Seraglio<sup>11</sup> de onde partia um veleiro que o levava para o Topkapi Sarayi<sup>12</sup> para encontros e cerimônias oficiais. Nos primeiros anos no trono, o Sultão foi sempre assombrado pelo temor de que a realização de reformas levaria a uma nova revolta que culminaria com a sua morte e com a conseqüente fragmentação do império pela falta de herdeiros ao trono. Para evitar essa fatalidade, o Sultão, segundo Palmer (2013, p.78) colocou aqueles que o apoiavam em posições estratégicas de comando nas áreas militares e naval, e em postos-chaves na burocracia do governo, para tentar retomar o poder que havia perdido frente a revolta dos janízaros; esse processo foi longo, durante os dezoito anos em que não havia sinais de revitalização no Império.

Contudo, uma antiga rusga foi retomada em 1809, após um período de paz incerta os russos atacaram a fronteira otomana dando início a uma desastrosa reação do exército otomano que ainda se recuperava das batalhas anteriores. As tropas mal equipadas e abastecidas sofreram sérias derrotas, e retiravam-se da Bulgária em direção as montanhas dos Balcãs. Somente em maio 1812 em Bucareste, com o apoio da Inglaterra, um acordo de paz foi selado entre os russos e turcos, definindo que a Bessarábia<sup>13</sup> transformar-se-ia em uma província russa, a Sérvia receberia limitada autonomia, enquanto que os territórios da Moldávia e Valáquia permaneceriam nas mãos dos nobres que governavam em nome do Sultão.

Após essa crise o Sultão pode se dedicar a reorganizar o governo de suas províncias, nomeando novos governadores e chefes militares. No Egito, Muhammad Ali se mostrava um crescente problema para o poder imperial. Após a expulsão francesa e a vitória sobre os ingleses, Ali havia adquirido imenso prestígio pessoal que foi usado para implementar rápidas modificações em seu governo, adquirindo cada vez mais ares de despotismo.

Entretanto, em 1821 estourava um novo conflito nos domínios do Sultão, a guerra da independência da Grécia. Os gregos almejavam o fim do domínio otomano havia séculos, e as ideias de liberdade e igualdade propagadas pela Revolução Francesa

---

<sup>11</sup> Palácio onde ficavam confinadas as esposas do Sultão, bem como seus filhos e demais parentes.

<sup>12</sup> O Palácio Topkapi Sarayi, foi construído por Maomé II, após a tomada de Constantinopla em 1453, como residência oficial do sultanato otomano.

<sup>13</sup> Região histórica da Europa Oriental, que atualmente engloba parte dos territórios da Moldávia e Ucrânia.

serviram para disseminar o sentimento de revolta, em outras palavras, um conjunto de jovens gregos começou a tomar conhecimento da origem cultural de seu povo, e dos ideais propagados pela Revolução de 1789, e procuraram romper com o domínio otomano de aproximadamente quatro séculos. Segundo Anderson (2008, p.113):

Em meados do século XVIII, a labuta prodigiosa dos eruditos alemães, franceses e ingleses não só tornara acessível, num formato impresso de fácil manejo praticamente todo o conjunto remanescente dos clássicos gregos, com seus devidos anexos filológicos e lexicográficos, como também recriara, em dúzias de livros, uma antiga civilização helênica resplandecente (e decididamente pagã). No último quartel do século, esse “passado” foi se tornando sempre mais acessível a um pequeno número de jovens intelectuais cristãos de língua grega, os quais, em sua maioria, estudaram ou viajaram para fora do Império Otomano.

A notícia da revolta grega preocupou o Sultão, que convocou os chefes do *millet*<sup>14</sup> da Igreja Ortodoxa e o patriarca de Constantinopla para repudiarem a revolta e seus líderes que faziam parte da sociedade secreta (*Philiki Hetairia* – “Sociedade de Amigos”), que havia se espalhado por todo o Império Otomano. O apelo religioso não surtiu o efeito desejado pelo Sultão em seus súditos rebelados, o que despertou sua ira, resultando na execução do patriarca de Constantinopla e uma série de chefes locais, ação que geraria um movimento de revolta na cidade, onde igrejas foram invadidas e saqueadas.

Em 1823, os conflitos na capital estavam controlados, mas a batalha na Grécia tornava-se mais sangrenta e morosa. Necessitando de apoio militar, para por fim a revolta, o Sultão recorre ao seu “vice-rei” no Egito, que lhe envia tropas treinadas, no estilo “Nova Ordem”, além de bem equipadas sob o comando de seu filho Ibrahim. A inclusão das forças egípcias começou a modificar o conflito para o lado otomano, contudo, os ataques bárbaros e a violência empregada pelas forças de Ibrahim começaram a despertar a aversão das potências centrais (França, Inglaterra, e Rússia), que começaram a articular a paz através de um tratado que tornaria a Grécia um estado autônomo dentro do Império Otomano.

Enquanto a guerra se desenrolava, o Sultão passou a enfrentar outro problema interno, agora em sua capital, onde os janízaros que constituíam o principal entrave para

---

<sup>14</sup> No Império Otomano, o *millet* constituiu-a uma corte jurídica representativa perante o sultão de uma dada comunidade religiosa. Outra definição é apresentada pelo historiador britânico David Fromkin (2008, p.316): “A referência era a *millet*, um termo usado no Império Otomano para designar uma comunidade com direito a uma certa autonomia na administração dos negócios de seus membros”.

a política modernizante. Em maio de 1826, Mahmud II exigiu que o Corpo janízaro realizasse os novos treinamentos militares com fuzis, e vestisse os uniformes em estilo europeu; o que ativou novamente o ímpeto de revolta desta força militar que rapidamente tomou conta da capital. Procurando conter o avanço das forças janízaras que se dirigiam ao Topkapi Sarayı, o Sultão autoriza que os navios ancorados na capital que apontem seus canhões para a turba revoltosa, que se dispersou com os disparos. Nos dias seguintes foi autorizada a caça e execução de todo aquele que compunha a força janízara, inclusive em outras províncias. Em julho de 1826, o Corpo Janízaro foi oficialmente extinto. Os historiadores britânicos definem esse evento como o marco definitivo de início da era *Tanzimat*:

Reconhecendo a eliminação dos janízaros como marco fundamental na história otomana, autores turcos contemporâneos emprestam a esses acontecimentos uma responsabilidade eufemística ao se referirem a eles como “O Incidente Auspicioso,” um episódio que abriu uma perspectiva de futuro para o Sultão. Todavia, residentes estrangeiros do Bósforo quando ocorreu aquele banho de sangue em junho de 1826 viram aqueles eventos mais como um fim dramático do que um começo auspicioso. “As medidas sanguinárias (...) deixaram em pânico toda a nação,” escreveu o embaixador inglês. “A principal fonte de grandeza e glória do Império Otomano se fora,” informou. E acrescentou, sem muita convicção: “O Sultão deve mostrar que pode embainhar a espada depois de fazer justiça.” PALMER (2013, p. 93)

Em 1826, Mahmud se sentiu bastante forte para tomar o primeiro passo indispensável para a reforma. Ele dispersou e destruiu os janízaros, e nenhum dedo se levantou em sua defesa mesmo entre os conservadores religiosos; talvez o fracasso dos janízaros em reprimir a revolta grega tivesse quebrado a sua influência sobre a imaginação popular. Esse acontecimento abre meio século de reformas (conhecido coletivamente como Tanzimat). HOURANI (2005, p.64-65)

No oeste a Revolta Grega ainda perdurava, passando gradativamente a guerrilha entre as forças militares otomanas e os súditos gregos do império. Conforme o conflito se desenrolava as grandes potências imperialistas (Inglaterra, França e Rússia) começaram a se interessar pela “Questão Grega” sob a capa da solidariedade religiosa aos cristãos ortodoxos gregos, e em julho de 1827, assinam o Tratado de Londres, reconhecendo a autonomia grega frente ao Sultão. No dia 20 de outubro de 1827, tropas da coalizão das potências signatárias do Tratado de Londres, atacaram as tropas otomanas e egípcias comandadas por Ibrahim, na Batalha de Navarino<sup>15</sup>:

---

<sup>15</sup> Durante a guerra da independência Grega, os exércitos otomano e egípcio foram atacados por uma força naval composta pelos signatários do Tratado de Londres de 1827 (Inglaterra, França e Rússia), o confronto ocorreu na baía de Navarino no dia 20 de outubro de 1827.

Em 1827, quando os militares egípcios tomaram Atenas, receberam com ansiedade a informação de que uma frota combinada de navios britânicos, franceses e russos havia chegado à Baía de Navarino, na Grécia. O sultão interpretou o movimento como mera tentativa de intimidação e recusou todas as tentativas europeias de mediação. O paxá egípcio, por sua vez, sabia que partir para um embate com as forças europeias seria ter seu exército destruído sem a mínima chance de vitória. O Cairo mandou representantes a Constantinopla para tentar convencer o sultão a aceitar negociar a independência grega. Irredutível, Mahmud ordenou que fossem mantidas as operações. Em 20 de outubro de 1827, as forças armadas europeias afundaram a maior parte dos navios otomanos e egípcios em Navarino. (SOUZA, 2018, p.71)

O Sultão procurando vingança pelas perdas ataca as tropas gregas e russas, provocando em abril de 1828, uma guerra com o Império Russo do Czar Nicolau I. Os russos em uma rápida investida nos Balcãs alcançam Edirne, cidade a apenas duzentos e trinta e cinco quilômetros da capital otomana. Acuado, o Sultão solicita a intervenção das grandes potências, o que resulta no Tratado de Adrianopole em 14 de setembro de 1829, que pôs fim a guerra, e ratificou a independência grega ante a Sublime Porta<sup>16</sup>. A partir, deste momento a questão da solidariedade religiosa passou a integrar a pauta das grandes potências, para interferir diretamente no Império Otomano.

O reinado do Sultão Mahmud se deparara com uma nova reviravolta, Ibrahim almejando ganhos territoriais após a fracassada campanha na Grécia, invade no final de 1831 o deserto de Gaza conquistando as cidades de Jaffa, Jerusalém e Haifa, e avançando até o interior da Anatólia. O Sultão desesperado pede ajuda ao seu vizinho russo para conter os “rebeldes”, o que novamente veio afluir à intromissão das grandes potências em assuntos internos otomanos. Um acordo de paz foi selado, entre o sultão e seus súditos, alçando Ibrahim a posição de governador de Damasco, Aleppo e Adana, e Muhammad Ali como governador do Egito e de Creta.

Em julho de 1839, após trinta e um anos de governo o Sultão falecia legando ao seu filho mais velho, Abdülmecid, o trono otomano com uma série de problemas territoriais e políticos. Todavia, Mahmud II havia, após a queda definitiva do Corpo de Janízaros e durante o seu turbulento reinado, realizado reformas administrativas, como a criação dos departamentos de Justiça, Administração Civil, Comércio e Finanças até então inexistentes. Paralelamente as forças armadas foram modernizadas, o exército

---

<sup>16</sup> Sublime Porta, Porta Otomana ou, simplesmente, Porta eram as designações correntes, entre 1718 e 1922, ao governo do Império Otomano. O termo é uma tradução da expressão turca *Bab-i Ali* (literalmente, grande portão ou porta principal), dada ao monumental portão de entrada do palácio que abrigava a corte do sultão (FROMKIN, 2008, p. 35)

(com a entrada de oficiais russos, ingleses, franceses e prussianos nos quartéis), e a marinha com a utilização de navios a vapor; as vestimentas militares também foram alteradas para o estilo europeu<sup>17</sup>. O recém-criado Conselho de Agricultura e Comércio tinha o objetivo de desenvolver a agricultura para promover o desenvolvimento de uma indústria de base agrária, com isso as estradas passaram por um amplo processo de reparação, especialmente no território da Anatólia, para implantar o serviço postal otomano.

O reinado de Abdulmecid assim como o de seu pai foi marcado pelo conflito interno e externo, mas principalmente por mudanças jurídicas na sociedade otomana. O novo Sultão colocou Mustafa Rashid, emissário especial na Europa e um defensor das reformas “ocidentalizantes” como Ministro do Interior. Como consequência no dia 3 de novembro é promulgado um édito imperial (“Decreto Gulhane”, como ficou conhecido) declarando a igualdade de entre otomanos muçulmanos e os outros povos não-muçulmanos residentes no Império. Segundo o historiador, Alan Palmer (2013; p.106-107):

O “Decreto Gulhane” divulgou para o mundo a intenção de Abulmecid de reinar como um Sultão esclarecido. Ele protegia as vidas e as propriedades de súditos, introduziria um código de justiça garantindo a igualdade de direitos de muçulmanos, cristãos e judeus perante a lei e instituiria um sistema regular de cálculo e arrecadação de impostos. Além disso, se empenharia para fortalecer e respeitar os conselhos de consulta legislativa criados por seu pai e criaria um método justo de recrutamento de seus súditos para servir no exército e na marinha modernizados.

No plano interno, Sultão passou a enfrentar a rebeldia de seus governadores na Síria e no Egito, reacendendo a chama do conflito iniciada por seu pai anos antes. As grandes potências europeias (Inglaterra, França, Prússia, e Rússia) vislumbrando novos conflitos em áreas de interesses comerciais, passaram a organizar um coalização para arbitrar o conflito, e conservar as linhas territoriais do Império Otomano. Em 1841, após sucessivas derrotas pelas forças turcas apoiadas pela marinha e tropas inglesas, Ibrahim retirasse da Síria e retorna para o Egito. Fazendo com que Muhammad Ali assinasse um tratado retirando suas tropas de Creta, da Arábia e territórios adjacentes, em contrapartida o Sultão reconhecia-o como Vice-Rei vitalício do Egito assegurando a sua família o direito de herança no trono egípcio.

---

<sup>17</sup> Na mesma época passou a circular no Império Otomano uma publicação oficial, editada em turco e francês, com o título de Court Gazette (tradução, “Diário da Corte”).

Após a resolução da crise egípcia, o Sultão e seu Ministro do Interior puderam se concentrar nas reformas administrativas e sociais proposta no “Decreto Gulhane” (1839), que poderia por fim a intervenções políticas estrangeiras (Rússia, França e Inglaterra). Uma vez que a questão das minorias cristãs residentes no Império era usada como subterfúgio para intervenções (por exemplo, no caso grego). O Sultão promulgou leis contra o tráfico de escravos, e condenando oficialmente as perseguições religiosas às populações cristãs.

Em 23 de outubro de 1840, o sistema de correios foi reorganizado com o estabelecimento do Ministério Postal sob o comando de Ahmet Şükrü Bey, submetido ao Ministério do Comércio. Sendo aberta no mesmo ano em Constantinopla a primeira agência do correios otomana. Em 1863, o Império Otomano passou a usar selos postais, em substituição ao antigo sistema de taxas sobre correspondência onde o ônus ficava a cargo do destinatário, tornando-se o segundo estado independente da Ásia a imprimir e utilizar selos.



Figura 1: Primeiro selo otomano impresso em 1863, contendo a *tughra*/monograma do Sultão Abdulaziz (1830-1876). Fonte: Standard Postage Stamp Catalogue – Countries of the world S-Z vol. 6.



Enquanto isso, Rashid procurava desenvolver uma administração civil eficiente, incentivando a criação de escolas de cunho secundárias e uma universidade nos moldes europeus. Contudo, teve que enfrentar a revolta da *ulema*<sup>18</sup> e das autoridades militares responsáveis pelos centros de educação da época, o que fez com que o projeto da universidade fosse embargado e as escolas secundárias ficassem restritas a poucas unidades nas áreas de influência direta da capital, como a Escola de Serviço Público (*Mekteb-i Mulkiye*) inaugurada em 1859. Depois dessa derrota, Rashid foi designado como embaixador em Paris, tendo retornado diversas vezes para Constantinopla para assumir o cargo de grão-vizir.

Uma questão interessante, resultado da reforma educacional de Rashid enquanto Ministro do Interior e Grão-Vizir foi o desenvolvimento, nas poucas escolas que conseguiu construir, de uma intelectualidade reformadora. Que incluía Ahmed Cevdet<sup>19</sup>, Mehmed Emin Ali, e Kececizade Mehmed Fuad, oriundos da classe média de comerciante da capital, que conseguiram galgar postos na administração turca, constituindo-se como o núcleo ocidentalizante herdeiros de Rashid; passando a disputar entre si o título de Grão-Vizir em diversas ocasiões. Inaugurando um período de hegemonia da Sublime Porta sobre o poder do sultanato na coordenação das reformas no interior do império, sendo responsável pela construção de escolas, configuração de um sistema postal, construção pontes, faróis, e estradas de ferro.

Em 1853, uma crise política envolvendo a ocupação por tropas russas nos principados da Moldávia e Valáquia ameaçando o Império, mostrou-se com um dos maiores desafios ao Sultão. Distúrbios ocorreram na capital, onde fanáticos religiosos incentivados pela *ulema* exigiam uma resposta, forças navais da França e da Inglaterra se posicionavam nas proximidades para auxiliar o governo no controle social e na defesa da cidade. Forças egípcias comandadas por Abbas Hilmi (neto de Muhammad Ali) se unem ao exército modernizado do *Tanzimat*, rumam ao encontro das forças russas, para o embate que ficou conhecido como a Guerra da Crimeia (1853-1856).

---

<sup>18</sup> Pode ser entendida como a comunidade muçulmana responsável pelos ritos religiosos e guardiões da *charia*, a lei sagrada presente no Alcorão.

<sup>19</sup> Foi o primeiro diretor da Escola de Preparação de Professores, fundada em 1846, sobre o patrocínio de Mustafa Rashid, se destacando como escritor e acadêmico.

A guerra terminou em 1856, com perdas militares para o lado otomano, especialmente de suas forças navais no ataque a cidade de Sinope<sup>20</sup>, e percas territoriais para o lado russo que restituiu ao governo otomano parte da Anatólia oriental conquistada durante o conflito. No mesmo ano é realizada uma conferência de paz em Paris, reunindo as potências que apoiaram o Império, este representado pelo Grão-Vizir Mehmed Emin Ali, e os russos. Que culminou com assinatura de um tratado de paz, que determinou a criação de governos nacionais na Moldávia e Valáquia, porém como nominal submissão a Sublime Porta. A desmilitarização de toda a orla do Mar Negro, e a emissão de um novo édito imperial pelo Sultão reafirmando o Decreto Gulhane. Como efeito do tratado de paz um novo Código Civil Otomano foi promulgado em 1858.

Esse evento representou a integração do Império Otomano ao corpo de nações que compunha a sociedade internacional do século XIX, porém em que pese à igualdade prevista no Tratado de Paris e em outros acordos posteriores, teve por objetivo a subordinação da soberania otomana aos interesses das nações europeias, sobretudo no que diz respeito às minorias cristãs residente no Império (Sochaczewski; 2017). Abrindo espaço para a construção do que ficou conhecido na diplomacia europeia como a “Questão Oriental”<sup>21</sup>, onde as potências intervinham na política interna otomana.

Após a guerra da Crimeia, ouve a intensificação da presença estrangeira no Império, com a entrada de imigrantes de diversas regiões da Europa, tais como embaixadores das grandes potências, aventureiros, técnicos e engenheiros europeus, integrantes de missões militares, e refugiados cristãos. Segundo Palmer (2013, p.128-129):

Os refugiados trouxeram não apenas mais vitalidade para uma região específica próxima a capital, mas também muito do nacionalismo romântico que tumultuara a Europa Central e os Bálcãs Ocidentais nas duas décadas anteriores e era, até então, um conceito estranho à Anatólia. (...) Os recém-chegados provinham de todas as classes e eram de ambos os sexos: soldados rasos e especialistas navais; jornalistas; enfermeiros; dignitários de estado e políticos ambiciosos vindos de Londres e Paris; engenheiros civis; sacerdotes católicos e

---

<sup>20</sup> A batalha naval de Sinope, ocorrida em 30 de novembro de 1853, onde a esquadra naval russa destrói os navios da Marinha Otomana ancorados no porto da cidade de Sinope.

<sup>21</sup> Ao longo do século XIX, o Império Otomano manteve oficialmente sua soberania, embora tenha perdido diversos territórios para o domínio europeu, bem como para nacionalistas diversos. A garantia incondicional de sua integridade territorial era como o “Santo Graal” da diplomacia otomana (McMeekin,2010:108). A questão de seu possível desmembramento total e seu impacto nas relações intraeuropeias ficou conhecida então como “Questão Oriental”. A competição entre a Grã-Bretanha e a Rússia nas bordas ganhou o título de “Grande Jogo”. (Sochaczewski, 2017, p. 60)

protestantes; e especialistas em ferrovias, em telégrafo elétrico e outras facetas da nova tecnologia.

Com o afluxo de imigrantes no Império, ouve igualmente um crescimento de capitais estrangeiros, investidos em diversos setores da economia otomana. O que em curto prazo proporcionou a capitação de recursos financeiros que a Sublime Porta necessitava para implementar as reformas administrativas, e de infraestrutura que a economia tanto necessitava. Contudo, o Sultão Abdulmecid utilizou grandes somas dos empréstimos na construção do Palácio de *Dolmabache*, um monumento arquitetônico símbolo da opulência otomana almejada pelo *Tanzimat*.

O Dolmabanche é um monumento tão característico da era *Tanzimat* quanto foi a Ópera de Paris de Garnier para o Segundo Império ou a estação St. Pancras para a Londres vitoriana. Em quatrocentos anos, o Topkapı Sarayı cresceu e se transformou num complexo administrativo, enriquecido pela quantidade de obras de arte que adornam seus inúmeros salões. Ao contrário, o Dolmabanche, desde o dia em que o Sultão adotou como residência se distinguiu como espetacular e singular obra de exibição, o Versalhes que virou Veneza. (...)Em termos arquitetônicos, o palácio que projetaram era um microcosmo de um império centralizado e era exatamente isto que Abdulmecid desejava. O Dolmabanche afirmava sua confiança no futuro. Ao contrário de sultões anteriores, ele não queria apenas ocidentalizar o passado otomano. Buscava valorizar sua herança com uma grandeza imperial digna da mais nova grande potência que o Concerto da Europa acolhia e garantia. (PALMER, 2013, p.130-131)

O próprio Sultão nem chegou a desfrutar o próprio palácio, cabendo ao seu sucessor, Abdulaziz o trono otomano. Logo no início de seu governo reformas foram feitas no Código Civil, e um Código Comercial foi editado. No campo educacional, foi expandido e remodelado o Liceu Galatasaray em 1869, como uma escola secundária nos moldes europeus para a formação dos servidores civis do regime otomano, onde se ensinava francês e latim. O sistema financeiro também se desenvolvera a custa dos empréstimos estrangeiros, em 1863 foi fundado o Banco Imperial Otomano, assim como instituições francesas como *Société Générale de l'Empire Ottoman*<sup>22</sup> e *Crédit Général Ottoman*<sup>23</sup>, hipotecando o futuro financeiro á investidores franceses e ingleses.

Em 1873, uma crise financeira causada pela dissolução da bolsa de valores de Viena (Áustria) veio para produzir o pânico financeiro do Império dependente do financiamento do capital estrangeiro. Os gastos excessivos com a manutenção da corte do Sultão, e a má alocação dos recursos dos empréstimos acabam tendo por consequência o crescimento débito para com seus credores europeus, e o agravamento

<sup>22</sup> Sociedade Geral do Império Otomano, tradução do francês.

<sup>23</sup> Crédito Geral Otomano, tradução do francês.

de uma crise interna. Em 1875, incapaz de realizar os pagamentos da dívida pública, o estado otomano decreta falência. Em paralelo revoltas eclodem em Montenegro, Búlgara e Sérvia. A sucessão de crises veio abreviar o reinado do Sultão Abdulaziz<sup>24</sup>, que foi deposto por altos funcionários otomanos em favor de seu sobrinho, Murad IV, em 1876. Sobre a crise financeira, Souza (2018, p. 138) afirma que está ratificou a entrega da economia otomana ao capital estrangeiro:

Ao longo dos próximos vinte anos, o Império contraiu 14 acordos de empréstimos adicionais junto a agentes europeus. Em 1876, incapaz de pagar as dívidas, a Sublime Porta declarou falência, acelerando um processo que culminou em sua submissão aos interesses financeiros europeus e a perda do controle sobre suas próprias fontes de renda.

Murad IV incapaz de lidar com a pressão causada pelas revoltas na região dos Balcãs e com a crise financeira do Império abdica em favor de seu irmão mais jovem, Abdulhamid II, entronado sultão em 31 de agosto de 1876. Ao assumir o poder o novo Sultão procurou se afirmar como um defensor do *Tanzimat*, propondo a elaboração de uma constituição para o Império. Para tanto nomeou um “junta parlamentar” por vinte dois membros divididos entre veteranos na administração imperial, membros do *ulemá* e oficiais de alta patente do exército, tendo como grão-vizir Midhat Pashá<sup>25</sup>. Que foi promulgada em 1876, instituindo um sistema parlamentar formado por duas câmaras e convocando eleições. Durante o biênio de 1876 e 1877, eleições foram realizadas em diversas províncias e na capital, finalizadas em março de 1877 o *Meclis-i Mebusan* (Câmara dos Deputados) foi aberta, sendo composta de 71 muçulmanos, 44 cristãos e 4 judeus. E posteriormente, o Sultão começou a nomear os integrantes da *Meclis-i Ayan* (Câmara dos Notáveis) formada majoritariamente por elementos muçulmanos (Palmer, 2013).

Mas as transformações políticas na sociedade otomana acarretaram o surgimento de um nacionalismo majoritariamente turco-muçulmano, e de acalorados debates na *Meclis-i Mebusan* contra o despotismo do Sultão, que mandou dissolver as câmaras. Os

<sup>24</sup> Podemos encontrar referências sobre a deposição do Sultão Abdulaziz na obra machadiniana, na crônica “1 de julho de 1876” publicada na Revista Ilustração Brasileira: “Pelos barbas do Profeta! Há nada menos maometano que isto? Abdul-Aziz, o último sultão ortodoxo, quis resistir ao 89 turco; mas não tinha sequer o exército, e caiu; e, uma vez caído, deitou-se da janela da vida á rua da eternidade. (ASSIS, 2011, p. 30).”

<sup>25</sup> Modernizador e governador provincial otomano foi grão-vizir no sultanato de Abdulaziz em 1872, porém foi dispensado do cargo por propor a federalização do Império, e investigar casos de corrupção na corte do Sultão. Voltou a integrar o governo como grão-vizir em 1876, e atuou na estruturação do Constituição. Contudo, suas tentativas de realizar reformas administrativas, especialmente com a admissão de cadetes cristãos nas escolas militares, provocou a reação das camadas conservadoras ligadas ao Sultão Abdulhamid, ocasionando a seu exílio em poucos meses.

russos observando os problemas internos otomanos retomaram a ofensiva, os otomanos incapazes de fazer frente ao avanço inimigo, assinam o Tratado de Berlim pondo fim aos embates. O tratado, porém consolidou as posições russas nos Balcãs, entregou a ilha Chipre ao domínio das grandes potências, além de promover a efetiva independência da Bulgária, Montenegro, Sérvia e Bósnia-Herzegovina, sendo os novos estados herdeiros de parcelas da dívida pública otomana.

A crise financeira otomana iniciada no sultanato Abdullaziz perdurou até 1879, quando a Sublime Porta e os credores europeus assinaram um acordo, ratificado pelo Sultão somente em 1887, por meio do Decreto de Mouharrem, cedendo o controle sobre as fontes de renda do Império para o pagamento dos empréstimos. O decreto outorgava a administração da dívida pública otomana pelos bancos europeus sediados em Constantinopla (principalmente, franceses), além de ceder os lucros obtidos na alfândega, impostos sobre a seda, a pesca, tabaco, bebidas alcoólicas e selos postais ficaram entregue ao monopólio estrangeiro (Mcmeekin; 2011). Essa crise permitiu que o Império Otomano perdesse definitivamente o controle sobre a semi-independente província egípcia em 1883, que passou para a orla de dominação inglesa devido aos empréstimos concedidos ao governador Ismail para a construção do Canal de Suez<sup>26</sup>, utilizando como subterfugio a existência uma crise interna para intervir militarmente e assegurar os interesses de capitalistas ingleses que possuíam ações do canal.

O Ministério das Finanças foi remodelado para atender as demandas financeiras impostas pelos credores, bem como foi proposto um projeto de enxugar a máquina pública otomana. O que significou perda autonomia financeira frente ao capitalismo europeu, que passou a controlar definitivamente o desenvolvimento comercial e industrial no Império Otomano, terminado por rebaixa-lo consideravelmente seu *status* como membro do concerto europeu das nações. Apesar disso, o desenvolvimento proposto pelo *Tanzimat* continuou, embora mais ligado a iniciativa do capital estrangeiro que a uma política otomana:

O ciclo de reformas continuou: melhor educação pública, um banco de crédito agrícola para a atividade mais difundida e menos progressista, mais comunidades urbanas, mais estradas pavimentadas e iluminação a gás, e a padronização de procedimentos nos tribunais criminais e civis, embora, para a sua grande irritação o Sultão não conseguisse

---

<sup>26</sup> O Canal de Suez é uma construção que permite a comunicação fluvial á nível do mar, localizada no Egito, entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Importante via de comunicação edificada entre 1859 a 1869, que permite o transporte de mercadorias entre o Ocidente e o Oriente.

abolir os privilégios legais de residentes estrangeiros por antigos tratados que estabeleceram as “Capitulações”. (...) Em 12 de agosto de 1888, o primeiro trem atravessando a Europa chegou a Constantinopla. A partir de novembro, já era possível um viajante deixar Paris no Expresso do Oriente às 7h30 da noite de quarta-feira e, depois de uma jornada de 3.000km sem baldeação, passando por Munique, Viena, Budapeste e Belgrado, desembarcar em Istambul, em “um telheiro alongado no meio do nada,” no horário previsto, 5h35 da tarde de sábado. (PALMER, 2013, p. 173)

Nos últimos anos do século XIX, novas crises ameaçaram a integridade do Império Otomano, envolvendo a Armênia, a Ilha de Creta, e a Macedônia. No território que compreendia os seis *vilayets*<sup>27</sup> orientais (Erzerum, Van, Diyarbekir, Sivas e Manuret) revoltas populares eclodiram em prol da emancipação armênia, e foram durante reprimidas pelo governo central. Em fevereiro de 1896, a comunidade grega em Creta organiza uma revolta contra o domínio otomano, no ano seguinte a Grécia declara guerra a Sublime Porta pela anexação da ilha, conflito que ficou conhecido como a Guerra dos trinta Dias.

Durante a batalha as modernizações militares no exército do Sultão com a utilização de armas e instrutores prussianos demonstrou ter resultado positivo, com a vitória otomana. Contudo, as potências europeias intervieram no conflito selando definitivamente a entrega de Creta aos gregos em troca de indenizações financeiras, enquanto o domínio otomano no território macedônico se fortaleceu. Esses conflitos embora consolidassem a posição do Império Otomano frente às nações europeias, ocasionaram a degradação da figura do Sultão Abdulmecid, que passou a ser conhecido nos jornais como “Abul, o Maldito” ou “O Grande Assassino” (Palmer, 2013).

Temendo a percas de novos territórios para as grandes potências, o Sultão implementou uma maior centralização politico-administrativa sobre as regiões sobre seu domínio. Em 1861 a região do monte Líbano tornou-se uma unidade administrativa especial, chamada de *Mutassariflik*, governada diretamente pela Sublime Porta, em 1888 foi á vez da região de Jerusalém. Bem como foi patrocinada uma propaganda pan-islâmica encabeçada pelo Sultão em prol de sua soberania como Califa sobre os povos muçulmanos. O Império Otomano com o seu sistema financeiro entregue ao capitalismo francês, e sobre constante ameaça militar russa e inglesa, necessitava de uma grande potência capaz de fornecer apoio externo, e capital para o desenvolvimento de uma infraestrutura capaz de consolidar os seus domínios na região do Oriente Médio, é neste

---

<sup>27</sup> Província otomana.

momento que se inicia o fortalecimento da influencia prussiana na Sublime Porta. A vitória otomana por tropas treinadas por instrutores alemães, em conjunto com a segunda visita do imperador Wilhelm II aos domínios do Sultão em 1896, selou definitivamente o alinhamento entre os dois impérios. Que culminou a assinaturas de tratados prevendo vantagens comerciais e econômicas para a instalação de empresas alemãs nos territórios otomanos, tais como a Anatolian Railways<sup>28</sup>.

Os alemães obtiveram vantagens culturais e materiais com a expedição de seu soberano por aqueles “povos antigos,” como preferia chamá-los. Em termos materiais, as importações de artigos alemães pela Turquia passaram de 6% em 1897 para 21% em 1910, em prejuízo de Inglaterra e França, em particular. (...) Porém, os três principais agentes da influência alemã na Turquia eram os vendedores de armamento, os banqueiros e os engenheiros ferroviários. Em dezesseis anos, a indústria alemã forneceu 200 locomotivas e cerca de 3500 vagões de passageiros e de carga para a Anatolian Railways e seu ramal de Bagdá, assim como trilhos de aço para as ferrovias. (PALMER, 2013, p.192-193)

Paralelamente ao projeto de centralização administrativa encabeçada pelo Sultão, um nacionalismo otomano e turco começou a tomar forma através de um movimento da juventude intelectual do Império, que ficou conhecido como “Jovens Turcos”. Uma elite intelectual formada nas academias militares, na Escola de Serviço Público, no Liceu Galatasaray e em outras instituições de ensino, formou o corpo político nacionalista de contestação ao governo do Sultão, com forte organização na última década do século XIX. Organizaram em fevereiro de 1902 e dezembro de 1907 congressos de exilados políticos e oficiais militares, onde duas correntes de pensamento disputavam o poder da organização. A primeira era defendida pelo príncipe Sebahattin, que defendia a união entre civis e militares, apoiados materialmente por países estrangeiros, para derrubar o Sultão, ficaram conhecidos como “Intervencionistas”. O segundo grupo, era de posição contrária defendendo a primazia da ala militar no interior do movimento, e passaram a adotar o nome de Comitê de União e Progresso – CUP (*Ittihad ve Terakki Cemiyeti*).

No segundo congresso, realizado em 1907 em Paris, a CUP tornou-se a corrente predominante dentro do movimento passando a englobar também a Sociedade Otomana para a Liberdade (*Osmanli Hurriyet Cemiyeti*) fundada pelo funcionário dos correios otomanos (Mehmed Tallat), e o movimento secreto Pátria (*Vatan*) fundado por Mustafa Kemal, ambos em Salônica na Macedônia, território extremamente delicado sob

<sup>28</sup> Empresa de capital alemão que atuava no transporte ferroviário na região da Anatólia.

suserania otomana nos Balcãs. Deflagram uma rebelião em 1908, tendo como base as fileiras militares do exército otomano estabelecido na Macedônia, que terminaria com a deposição do Sultão Abdulmecid e inauguraria a fase da monarquia constitucional no Império Otomano (Burak, 2003; Palmer, 2013).

Os séculos XIX e XX foi o período mais conturbado da história otomana, onde é possível observar o lento processo de desintegração do Império Otomano. A invasão ao Egito pelo exército francês comandado Napoleão Bonaparte em 1798, inaugurou a era onde as potências europeias começaram a interferir diretamente no destino dos Sultões em Constantinopla e seus súditos. Procurando inicialmente uma forma de reorganizar as suas forças militares nos moldes europeus para impedir invasões territoriais, os Sultões logo se viram cercado pela urgente necessidade de melhorar a estrutura administrativa e econômica. Fazendo com que se inicia-se um processo de modernização da sociedade otomana conhecido como *Tanzimat* (1839-1876). Entre as décadas de 1860 e 1890 começaram a se formar uma comunidade de funcionários públicos, professores, intelectuais, e oficiais militares formados nas principais escolas e liceus construídos sobre os auspícios do *Tanzimat*. Indivíduos instruídos incutidos pelo pensamento reformador passaram a galgar posto de prestígio na administração otomana.

Conjuntamente, houve mudanças no Estado imperial otomano, sendo o Decreto Gulhane (3 de novembro de 1839) e a Constituição de 1876, tentativas de efetivar a igualdade jurídica entre turcos muçulmanos e outros povos, além de propor a representação da sociedade dentro do Estado. Contudo, o convívio das diferentes comunidades que compunham o Império se deteriorou no decorrer do século XIX, com o surgimento de movimentos nacionalistas que buscavam promover a independência política de suas próprias comunidades, essas organizações se utilizaram dos millets para a construção de suas próprias identidades nacionais, construindo um passado através de uma narrativa de continuidade como o passado pré-otomano (Santos, 2018; p.37), por exemplo, o caso da Grécia entre os anos de 1821 até 1829.

No que diz respeito à estrutura social-econômica, apesar do aparente desenvolvimento em Constantinopla, o sistema financeiro e ramos essenciais da produção como transportes, construção, comunicação e a exportação se desenvolveram através do capital imperialista da Inglaterra, França e Alemanha. Relegando ao Império Otomano a produção de matérias-primas, e manufaturas de baixa tecnologia



circunscritas a região da Anatólia. Paralelamente, a este aparente processo de modernização do Estado otomano é possível ver a sua desintegração territorial em prol dos interesses imperialistas, da Inglaterra e Rússia que digladiavam pela supremacia econômica e política na Europa. Pois segundo a historiadora Maria Yedda Linhares (1982):

Neste momento, ou seja, ao longo do século XIX e até a Primeira Guerra mundial de 1914-1918, cabia, primeiramente à Grã-Bretanha maior soma de interesse nas terras asiáticas do Império Otomano, na medida em que elas comandavam as rotas de acesso à Índia. Interesse estratégico, portanto. Mas cabia também ao Império czarista defender a sua política de acesso direito ao Mediterrâneo oriental (um mar quente), fazendo-o sair de sua famosa “prisão continental”, já denunciada desde os tempos de Pedro o Grande. E, para tanto, era-lhe necessário enfrentar o otomano e favorecer o seu enfraquecimento através do fortalecimento das aspirações nacionalistas dos povos subjulgados pelos turcos (rumenos, búlgaros, gregos, eslavos do sul). Por outro lado, a expansão territorial do Império russo em direção ao sul colocava a questão estratégica, para os russos, de controle sobre a Pérsia (o Irã de hoje) e sobre o Afeganistão, originando os sucessivos atritos com o governo britânico que caracterizaram os episódios diplomáticos e armados da rivalidade anglo-russa ao longo do século XIX. (LINHARES, 1982, p. 14)

Nos anos iniciais do século XX vemos o surgimento de uma propaganda pan-islâmica procurando soerguer a instituição do sultanato que vinha caindo em declínio, devido tanto a perda de prestígio pelo desmembramento territorial e golpes de estado, quando pelo surgimento de um corpo burocratizado de funcionários públicos tendo como símbolo a Sublime Porta. O que ocasionou a criação de um nacionalismo otomano, mas especificadamente turco, entre a camada intelectual de oficiais militares que passaram a constituir a oposição ao regime, sendo identificados como “Jovens Turcos”. Com o aumento das medidas centralizadoras pelo Sultão, e a pressão internacional das grandes potências em prol da política imperialista, uma revolução eclode 1908 no desgastado Império.

## MAPA I

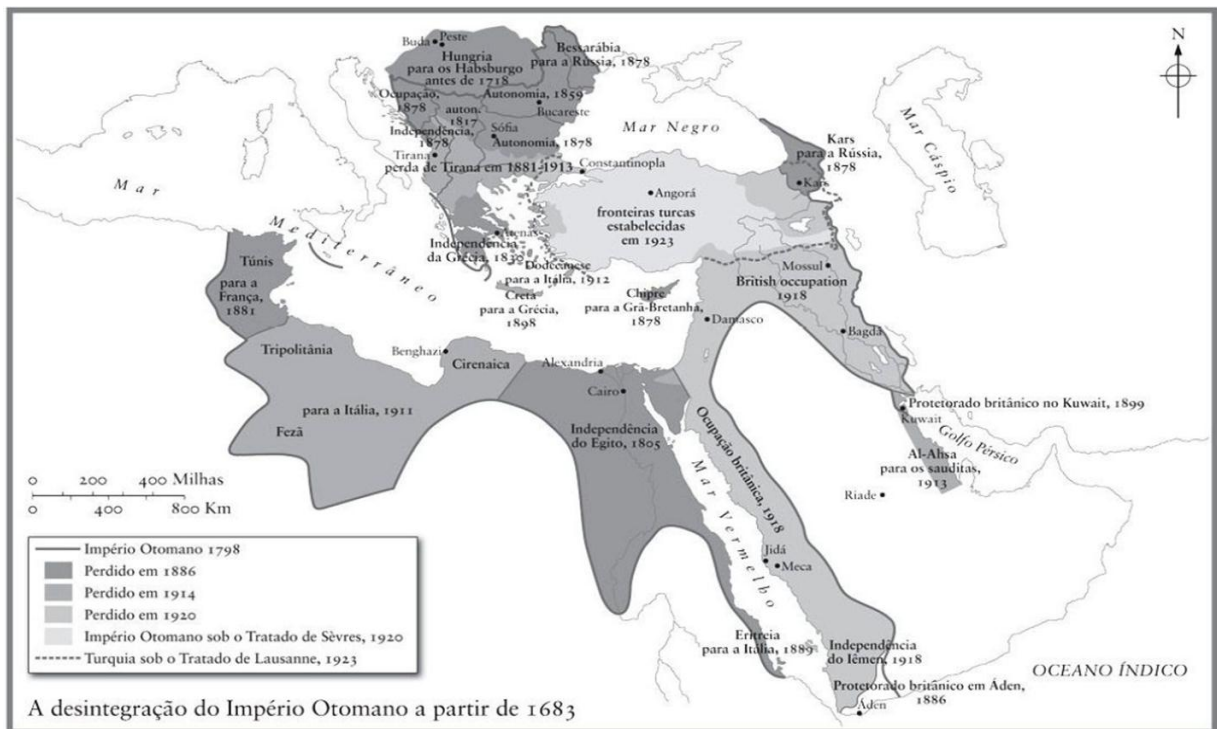


Figura 2: Mapa representando o Império Otomano, no auge de sua expansão até o declínio. Título Original: A desintegração do Império Otomano a partir de 1683. In. FERGUSON, Niall. *Civilização: ocidente X oriente*; 2016, p. 86.

## CAPÍTULO II – REVOLUÇÃO E NACIONALISMO: A POLÍTICA OTOMANA DOS JOVENS TURCOS

Neste segundo capítulo tratamos da representação imagética do pensamento político de cunho nacional no Império Otomano, que se pretendia integral e uno, mas que continha inúmeras nacionalidades em seu interior, (fato este ratificado pela sucessão de perdas territoriais que se segue no século XIX, que proporcionaram a criação de diversos estados independentes na Europa Oriental), por meio das imagens oficiais produzidas pelo Estado, neste caso sua produção filatélica. Para isso partiremos do conturbado ano revolucionário de 1908, quanto foi instituído algo semelhante ao uma monarquia constitucional no Império, para compreendermos o despertar do nacionalismo, e os *operadores*, ou seja, os agentes produtores das imagens, que neste caso são os integrantes do movimento dos Jovens Turcos.

Partindo desta premissa, o biênio de 1908-09 foi intensamente turbulento para o Império Otomano, e assim como ocorrem na maioria das revoluções burguesas às transformações causaram não queda do antigo regime, mas sua transfiguração. Neste caso, a já fragilizada instituição do sultanato otomano torna-se uma monarquia constitucionalista, que rapidamente declina para um triunvirato. O Comitê de União e Progresso, formado pela intelectualidade administrativa e militar beneficiada pelas reformas da era *Tanzimat*, via-se no controle do aparelho do Estado imperial, enquanto que ao Sultão ficaria relegada a função de aparelho ideológico do Estado subdividindo sua atuação em três sistemas, política ao propor legalidade ao domínio da CUP, cultural por ser uma instituição com séculos de história, e religiosa pelo fato do Sultão otomano possuir o título Califa<sup>29</sup>. Contudo, nem todos os setores da sociedade otomana concordavam com a reconfiguração política em voga, e isso será demonstrado na tentativa contrarrevolucionária, e nos embates políticos que se seguem que abriram espaço para a criação de nacionalismos, entre eles o turco e o árabe.

Os acontecimentos do verão de 1908 na província macedônica do Império Otomano espalharam um sentimento de revolta por toda região ocidental do Império,

---

<sup>29</sup> A palavra califa designa o sucessor do profeta Maomé, pois quando o profeta veio a falecer no ano de 632, a comunidade muçulmana escolheu seu sucessor que passou a ser chamado de “Khalifat Rasul Allah” (o sucessor do Profeta de Deus). Deste modo, o califa ocupa a posição de líder temporal e espiritual da comunidade islâmica, bem como defensor dos lugares sagrados (as cidades santas de Meca e Medina).

congregando entorno da CUP tanto a elite militar, quanto setores da administração pública. Um importante elemento da sociedade otomana que também apoiou a CUP foi às populações cristãs do Império, na esperança de conseguirem maior representatividade política em um governo constitucional (Burak, 2003). Os insurgentes defendiam o restabelecimento da Constituição de 1876, a reabertura do *Meclis-i Mebusan* (Câmara dos Deputados), e a igualdade entre os diferentes povos que habitavam o Império. O Sultão incapaz de conter o movimento publica uma ordem imperial em 24 de julho de 1908, anunciando o retorno da Constituição de 1876. Em sucessivos decretos imperiais determinaram a anistia dos prisioneiros e exilados políticos, fim das prisões arbitrárias, igualdade de raça bem como de religião, concessão de liberdade imprensa e direitos de associação política, e por fim uma reorganização governamental, exemplificada pela convocação de um parlamento eleito (Palmer, 2013).

Para o historiador turco, Durdu Mehmet Burak (2003) a revolução de 1908 contou com amplos setores da população incluindo as já mencionadas populações cristãs, mas também comerciantes, intelectuais, militares e funcionários públicos das diversas etnias (drusos, circassianos, árabes, cristãos, armênios, judeus e etc) que conviviam no interior do Império, produziram uma ampla frente constitucional que organizou greves e protestos, na defesa de uma ideologia burguesa e nacionalista, voltada ao “otomanismo”, que era a união e integração das diferentes partes que compunham o Império otomano para impedir a sua desintegração:

A Monarquia Constitucional não é um golpe palaciano ou obra das camadas superiores da sociedade, mas um movimento que conta com ampla base social, pessoal e apoio de massa (como soldados, intelectuais, autônomos, mercadores, etc.) nas classes médias. Por outro lado, a Monarquia Constitucional chama a atenção não apenas como um movimento baseado em acumulações profundas e longas, mas também por sua natureza exangue e pacífica. A transição do regime opressor para o constitucionalismo foi possível por meio de um compromisso. O sultão expressa seu consentimento à monarquia constitucional e as forças contra ele aceitam sua permanência no trono. Este movimento é o primeiro e último movimento em que elementos turcos e não turcos do império que embarcaram em uma base democrática e liberal de acordo. A ideologia em primeiro plano é o "otomanismo". Uma compreensão da legitimidade baseada nos princípios de liberdade, igualdade, fraternidade e justiça prevalece no esforço para proteger o Império da interferência estrangeira e para manter a integridade (Burak, 2003, p. 302-303)<sup>30, 31</sup>.

<sup>30</sup> Tradução do autor.

<sup>31</sup> Original: Meşrutiyet, bir saray darbesi veya toplumun üst tabakalarının bir eseri olmayıp, geniş bir toplumsal tabana oturan, kadro ve kitle dayanaklarını (askerler, aydınlar, serbest meslek sahipleri, tüccar vb. gibi) orta sınıflarda bulunan bir harekettir. Öte yandan Meşrutiyet, köklü ve uzun birikimlere dayanan

Estas medidas provocaram um clima de comoção interna e externa, pois jornais turcos e a imprensa mundial publicavam artigos em seus periódicos abordando o retorno da Constituição e a abertura de um governo democrático no antigo Império Otomano. Nesse interim surgiram vários partidos para as disputas das eleições de 1908, realizadas entre novembro e dezembro, entre eles a União Liberal Otomana (*Osmanli Ahrar Firkasi*) e a própria CUP que passou a se organizar como partido político para concorrer, tendo seus integrantes identificados com Unionistas. As eleições foram realizadas no final de 1908, dos 285 deputados, 160 foram eleitos pela legenda da CUP, majoritariamente árabes e turcos, havia também albaneses, gregos, armênios, eslavos, e judeus (Burak , 2003). O embaixador norte-americano Henry Morgenthau<sup>32</sup>, que atuou junto a Sublime Porta em Constantinopla (entre os anos de 1913 e 1916), apresenta em seu livro biográfico/memorialista, a conjuntura propagada pela mídia impressa internacional:

Antes de ir para a Turquia, eu tinha ideias muito diferentes sobre a organização. Já em 1908, lembro-me de ter lido notícias sobre a Turquia que agradavam fortemente minhas convicções democráticas. Esses relatos me informavam que um grupo de jovens revolucionários havia partido das montanhas da Macedônia, marchando sobre Constantinopla, deposto o sanguinário sultão Abdul Hamid e estabelecido um sistema constitucional. Os jornais nos contavam que a Turquia havia se tornado uma democracia, com um Parlamento, um ministério responsável, sufrágio universal, igualdade perante a lei para todos os cidadãos, liberdade de opinião e de imprensa, bem como todos os elementos essenciais de uma comunidade livre e amante da liberdade. (MORGENTHAU, 2010, P. 20-21)

Esse clima de euforia e mudança culminou no afrouxamento da política administrativa do Império, que resultou na perda definitiva dos territórios europeus nos quais exercia suserania nominal, tais como Creta e Bulgária. Aliada as reformas sócias e culturais pelas quais passava a sociedade otomana no linear do século XIX, em conjunto com sucessivas perdas territoriais, fez surgir um pensamento conservador e muçulmano, articulado entorno da Sociedade pela Unidade Islâmica. Além disso, constituiu-se uma

---

bir hareket olması kadar, kansız ve barışçı bir şekilde gerçekleşmiş olmasıyla da dikkati çeker. Baskıcı yönetimden meşrutiyete geçiş bir uzlaşmayla olabilmiştir. Padişah meşrutiyete nza göstermekte, karşısındaki güçler de onun tahtta kalmasını kabullenmektedir. Bu hareket, imparatorluktaki Türk ve Türk olmayan unsurlann demokratik ve liberal bir anlaşma zemini içinde giriştikleri ilk ve son harekettir. Ön plandaki ideoloji "Osmanlıcılık" tır. İmparatorluğu dış müdahalelerden koruma ve bütünlüğü sürdürme güdüsü içinde, hürriyet, eşitlik, kardeşlik ve adalet ilkelerine dayanan bir meşruluk anlayışı egemendir (Burak, 2003, p. 302-303).

<sup>32</sup> MORGENTHAU, Henry (1856-1946). A história do embaixador Morgenthau: o depoimento pessoal sobre um dos maiores genocídios do século XX / Henry Morgenthau; tradução Marcello Lino. – São Paulo: Paz e Terra, 2010.

oposição à política da CUP, maioria no parlamento, formada pelos “intervencionistas” e pelos representantes das minorias étnicas descontentes com as medidas de centralização administrativa do governo. Em 06 de abril de 1909, o assassinato de um jornalista da oposição, Hasan Fehmi, foi responsável pela eclosão de passeatas no mesmo mês. Militares e civis invadiram o Parlamento, clamando o retorno á autocracia imperial, que prontamente recebeu apoio do Sultão. Tropas leais a CUP estacionadas na Macedônia, comandadas pelo major Mustafa Kemal se dirigiram então para a capital para conter o movimento contrarrevolucionário. Escaramuças de militares pró-Unionistas e setores militares conservadores apoiados por civis, foram registradas nas ruas de Constantinopla.

Em 27 de abril de 1909 integrantes do parlamento otomano conseguiram se reunir para debater a crise política que se prolongava e ameaçava a segurança do Império. Nesta reunião eles sancionaram a deposição do Sultão Abdulhamid, após sessenta e dois anos de governo, bem como outras medidas para limitar o poder político do Sultão, sendo ás mais importantes, a retirada da capacidade de designar os ministros e os chefes das câmaras parlamentares bem como os funcionários do palácio, e a suspensão do poder de veto em relação às leis. Deste modo, o Sultão deposto também foi exilado na região de Salônica, onde os membros da CUP esperavam mantê-lo sobre “controle”, sendo por fim substituído por Mehmed V. No decorrer dos anos seguintes diversos partidos de oposição serão formados como Partido Democrata Otomano (fevereiro 1909), Partido Constitucional Otomano (1909), Partido Socialista Otomano (1910), entre outros partidos de cunho étnico e nacionalistas, porém eles não conseguiram derrubar a hegemonia política da CUP.

Neste momento podemos ver os contornos políticos que governo otomano passou a expressar sobre a administração dos Jovens Turcos. A substituição de um Sultão autocrata por outro facilmente manipulável, pois devia sua ascensão ao trono aos membros da CUP e, com poderes drasticamente limitados pelas reformas parlamentares, assinalou a decadência da instituição do sultanato, que se viu cercada de inimigos e podada pela constituição. Partindo da análise Louis Althusser<sup>33</sup> sobre o Estado e seus aparelhos de dominação, o Sultão bem como toda a elite que gravitava entorno dos palácios se viu retirada do poder de seis séculos do aparelho de estado imperial, por uma

---

<sup>33</sup> ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

classe militar de intelectuais defensores de ideias nacionalistas e liberais, que o transformou em aparelho ideológico do “novo Estado imperial otomano” proporcionando certa margem de legalidade à monarquia constitucionalista recém-instaurada.

Em 1909, os unionistas promulgaram um conjunto de leis discriminatórias, proibindo a formação de organizações políticas que representassem nacionalidades ou raças, o que provocou o fechamento de clubes gregos, armênios, árabes, e entre outros. Em paralelo, o novo governo instituiu a lei marcial, que perdurou durante dois anos nas cidades onde “havia do risco de atos desleais” (Palmer, 2013). Como efeito acarretou a perda de apoio político da CUP entre as outras populações do Império, que passaram a formar sociedades secretas de cunho nacionalista e separatista. Rebeliões eclodiram nos *vilayets*<sup>34</sup> armênios, na Arábia, e nas províncias albanesas provocando a realocação de tropas e recursos. Sobre esta última revolta, que perdurou até 1912, muitos albaneses que integravam o movimento dos Jovens Turcos passaram a demandar maior autonomia política, segundo Monique Sochaczewski (2014, p.228) foi justamente essa revolta que modificou a política dos Jovens Turcos ao demonstrar a impossibilidade da conciliação de interesses entre o governo otomano e as diversas identidades nacionais, fortalecendo a ala nacionalista turca.

A crescente insatisfação popular para com o governo, aliado as revoltas simultâneas em diferentes pontos do território, proporcionou a situação perfeita para novas invasões por países estrangeiros. Segundo a historiadora Maria Yedda Linhares (1982) o Império Otomano era incapaz de conter a pressão militar das grandes potências que desde a segunda metade do século XIX vinham podando o território do Império:

Os dificilmente poderiam fazer face às pressões das grandes potências que se rivalizavam pela preponderância naquelas regiões sob seu domínio. De um lado, a Inglaterra, desejosa de salva-guardar a integridade e, paradoxalmente, a fraqueza do arcaico edifício turco, com a melhor maneira de maneira de manter, sem interferência de outra potência, os caminhos que levavam à Índia em terras e águas otomanas. Por outro lado, a Rússia dos tzares, procurando forçar o esfacelamento do Império Otomano a fim de obter o controle dos estreitos do Bósforo e dos Dardanelos. A França, por sua vez, em parte premeida por problemas de ordem interna, lança-se, num primeiro momento (primeira parte do século) sobre o Egito e a Argélia e, após 1880, sobre a Tunísia e o Marrocos. Enquanto a Áustria, também arcando com o peso de uma monarquia tradicional e estruturas sociais e econômicas mais cristalizadas e resistentes às transformações que se operavam nos países da Europa de oeste, mal se limitava a vigiar os nacionalismos balcânicos em plena efervescência,

---

<sup>34</sup> Denominação das províncias otomanas.

defrontando-se, então, com os interesses russos de um vago e hipotético pan-eslavismo. (LINHARES, 1982, p.29-30)

O primeiro a perceber isso foi o Reino da Itália, que havia passado por um recente processo de unificação (*Risorgimento*, 1815-1870), e havia perdido espaço no processo de colonização da África e da Ásia para as grandes potências no século XIX. Em 1911, o governo italiano tomando conhecimento da fragilidade militar das províncias otomanas distantes do poder central, invade em 28 de setembro o território líbio. A guerra ítalo-turca (1911-1912) se mostrou como um confronto de desgaste de forças, onde as tropas italianas controlavam a costa e as principais cidades, enquanto os otomanos controlavam o restante do território. Em 1912, a Itália invade ilhas do mar Egeu sobre controle otomano (Rodes, entre outras pequenas ilhas), e bombardeia a península de Dardanelos. Com o prenúncio de outra guerra se desenvolvendo na parte europeia, os otomanos assinam um acordo de paz em 15 de outubro (Tratado de Ouchy), que cedia o controle da Líbia aos italianos.

No Leste europeu os reinos da Sérvia, Bulgária, Grécia e Montenegro unem-se em uma Liga Balcânica para invadir territórios otomanos desprotegidos na fronteira europeia, dando início da Primeira Guerra Balcânica (outubro de 1912-maio de 1913). As forças invasoras rapidamente avançaram no território macedônico conquistando as principais cidades, e seguiram avançando até as linhas defensivas turcas nos arredores da capital otomana que recebe contínuas levadas de refugiados. No mar o cruzador turco *Hamidiye*, comandado por Hüseyin Rauf, consegue impedir ataques à capital pelos gregos. Em dezembro de 1912, com o avanço turco, um cessar-fogo é articulado na Inglaterra. As negociações de paz tornaram-se infrutíferas devido aos pesados termos impostos aos turcos, como a cessão total dos territórios conquistados, juntamente com a entrega da cidade de Edirne para os búlgaros, há apenas alguns quilômetros de Constantinopla (Schiavon, 2017).

A insatisfação tomava conta do Império, principalmente das camadas militares e de setores mais radicais da CUP, principalmente com a política conciliatória do Ministro do Exterior Kamil Pasha, que tendia para a assinatura de um tratado de paz. Como consequência, políticos e militares orquestram um golpe de estado em 23 de janeiro de 1913, desferindo uma investida fatal na monarquia constitucional. Conhecido com o ataque à Sublime Porta, ou em turco *Bâb-i Âli Baskini*, foi segundo Palmer um “dramático episódio de destaque na história dos Jovens Turcos” (2014, p. 217).



Militares e políticos unionistas invadiram a Sublime Porta, e adentram na sessão do Conselho de Ministros, assassinando o general Hüseyin Nazim (Chefe do Estado-Maior do Exército Otomano) e exilando Mehmed Kamil (Ministro do Exterior), Abdurrahman Bey (Ministro das Finanças) e Reşid Bey (Ministro dos Assuntos Internos).

Associadamente os conflitos recomeçaram na fronteira europeia, com a invasão das cidades de Ioánina e Edirne. Impossibilitados resistir, governo otomano assina um tratado de paz, entregando definitivamente Macedônia, Trácia, Albânia e a maioria das ilhas do Egeu a Liga Balcânica, entregando a cidade de Edirne ao controle búlgaro. Assassinatos e prisões políticas acontecem por toda a capital, principalmente entre os líderes do Partido da União Liberal, de oposição ao domínio da CUP. Tornando a já fragilizada monarquia constitucional, em um triunvirato formador por Mehmed Tallat (Ministro do Interior), Ismail Enver (Ministro de Guerra), e Ahmed Djemal (Chefe Militar de Constantinopla) que eram então as principais lideranças do partido, apoiados por outros políticos unionistas como Halil Bey (presidente da Câmara dos Deputados) e Mehmed Djavid (Ministro da Fazenda).

Ainda em 1913, os búlgaros ressentidos com as concessões territoriais do tratado de paz volta-se contra seus antigos aliados, agora aliados a Romênia e ao Império Otomano. Isso permitiu que os otomanos reconquistassem Edirne, comandados por Enver Pasha. Em julho um novo tratado de paz redefine as fronteiras, restituindo parte do território perdido e a cidade reconquistada por Enver, essas vitórias foram usadas pelo novo governo como propaganda para reavivar o nacionalismo e o entusiasmo, iniciais da Revolução de 1908. Com o acirramento das perseguições políticas, as eleições de 1914 formam unânimes ao anunciar uma vitória dos unionistas, contudo, o próprio parlamento havia perdido espaço político, sendo a cúpula da CUP a responsável pelo governo do Império.

No campo ideológico isso representou uma guinada para a construção de um nacionalismo majoritariamente turco otomano dentro dos limites de um Império multiétnico, multicultural, e multirracial. O que conseqüentemente acarretou a exclusão de grupos minoritários do poder político, como gregos, armênios, árabes, entre que outros; que inicialmente haviam aderido ao movimento político da CUP. Os gregos foram os primeiros, devido a constante ameaça do vizinho Reino da Grécia, as populações de origem grega foram expulsas da cidade de Esmirna e das ilhas próximas

sobre controle turco. O que nos dizeres de Eric J. Hobsbawm (1990, p.33), “quanto mais esta (nação) se queria una e indivisa mais a sua heterogeneidade interna criava problemas”. Segundo o embaixador americano, Henry Morgenthau, Tallat Paxá explicou sua política nacional da seguinte forma:

Aqueles diferentes blocos no Império Turco, disse, sempre haviam conspirado contra a Turquia; por causa da hostilidade daquelas populações nativas, a Turquia havia perdido uma província após a outra – Grécia, Sérvia, Romênia, Bulgária, Bósnia, Herzegovina, Egito e Trípoli. Assim, o Império Turco havia definhando até quase a extinção. Para que os resquícios da Turquia sobrevivessem, acrescentou Talaat, ele deveria se livrar daqueles povos estrangeiros. “A Turquia para os turcos”, era então a principal ideia de Tallat. Portanto, ele propôs a “turquificação” de Esmirna e das ilhas adjacentes. (MORGENTHAU, 2010, p. 49-50)

O que acarretou no rompimento definitivo dessas populações com o governo otomano, e influenciou a formação de entidades secretas que apoiavam seus próprios projetos de nação. Thomas Edward Lawrence, oficial militar britânico, que foi um dos participantes da Revolta Árabe (1916-1918), esclarece em seu livro de memórias o panorama político que levou os árabes a se rebelar contra seus governantes otomanos:

A Turquia, tomada turca para os turcos – *Yeni-Turan* – foi o grito de guerra. Mais tarde, esta política deveria conduzi-lo ao resgate dos seus *irredenti* – que eram as populações turcas submetidas à Rússia, na Ásia Central; mas antes de tudo, precisavam limpar o império das raças subjugadas, porém incômodas, que vinham resistindo ao padrão normativo. Os árabes, os maiores componentes estrangeiros da Turquia, deviam ser liquidados imediatamente. De conformidade com este pensamento, os representantes árabes foram expulsos, as sociedades árabes proibidas, e os árabes notáveis proscritos. As manifestações árabes e o idioma árabe foram suprimidos pelo paxá Enver de maneira muito mais enérgica do que o haviam sido por Abdul Hamid, antes dele. (LAWRENCE, 2006, p. 51)

Nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, em 1914, o Império Otomano encontrava-se fragilizado, pois desde 1908 havia entrado em uma série de conflitos pela manutenção do território que acabou consumindo enormes recursos financeiros e humanos. Em paralelo, sua economia ainda permanecia tutelada pela Comissão de Débito Público Otomano, administrada por franceses e ingleses. Apesar desses fatos, a CUP incentivou a arrecadação de contribuições para a construção de dois navios encouraçados, que fortaleceriam a Marinha Otomana tornando-a uma força naval respeitável no Mar Egeu. Para Palmer (2013), a aquisição desses navios representava mais do que o aumento do poder naval para assegurar os Estreitos, eles constituíam-se como símbolos, tanto do poder imperial como da política nacionalista da CUP.

Contudo, com a declaração de guerra da Inglaterra e da França contra a Alemanha no dia 4 de agosto de 1914, as embarcações que se encontravam nos estaleiros britânicos foram requisitadas pela Royal Navy<sup>35</sup>, incluindo os encouraçados otomanos. A notícia provocou uma ferida no orgulho turco (Palmer, 2013; Fromkin, 2008; McMeekin, 2011), o ressentimento que se seguiu para com a nação inglesa, abriu espaço para um alinhamento com a Alemanha. O envio de dois navios para Constantinopla, *SMS Goeben* e *SMS Breslau*, que estavam fugindo da Marinha Britânica, e acabaram sendo incorporados a Marinha do Sultão, culminou com o rompimento da neutralidade do Império Otomano. Segundo (Morgenthau, 2010, p. 69):

No mesmo dia em que esses navios passaram por Dardanelos, o Ikdam, um jornal turco publicado em Constantinopla, tinha um relato triunfante da “venda”, com grandes manchetes que a classificavam como um “grande sucesso para o governo imperial”.

Em 11 de novembro de 1914, o Sultão-Califa, proclama a *Jihad*<sup>36</sup>, contra os infiéis, conclamando as populações muçulmanas dos territórios coloniais a se revoltar contra o imperialismo da Inglaterra, França e Rússia. Durante a guerra o Estado Otomano se constitui como um Estado autocrático (no tradicional sentido marxista) que atuou por meio da repressão (perseguições, torturas, exílios, etc), e dos aparelhos ideológicos do Estado Imperial (escolas, jornais, e tribunais) para disseminar um pensamento nacionalista turco-otomano.

## 2. 1 PROPAGANDA E IDEOLOGIA: NACIONALISMO TURCO NOS SELOS POSTAIS

Ao analisar este período, descobrimos que o sistema de correios otomano, passou a produzir selos postais, entre 1908-1918, com teor nacionalista, procurando despertar o sentimento de pertencimento ao Império e de lealdade ao Sultanato. Partindo deste ponto, e tomando emprestado o conceito de “aparelho ideológico do estado” formulada por Althusser (1985), compreendemos que o correio otomano desempenhava uma função ideológica dentro da administração otomana. Primeiramente, por ser uma instituição especializada, neste caso pela comunicação da população entre as diferentes partes do Império, e até no exterior. Segundo, por adentrar no domínio do privado, ou seja, das cartas, e deste modo dos amores, anseios, dores, insatisfações dos súditos do

<sup>35</sup> Marinha Real Britânica, fundada no século XVI, um dos principais ramos das forças armadas do Reino Unido, considerado o instrumento militar que possibilitou o controle dos mares pelos britânicos, transformando sua nação em uma potência europeia e mundial.

<sup>36</sup> Guerra por expansão ou defesa do Islã. Teoricamente a única forma de guerra permitida ao muçulmano.

Sultão. E terceiro, por professar uma ideologia nacionalista que permitiria que a classe política burguesa (os políticos integrantes da CUP, proeminentes militares, comerciantes e intelectuais) manter-se no poder. Desde modo somos levados a questionar, por qual meio está instituição desempenhava o este papel político?

A resposta é simples, os selos postais. Pois estes eram usados na taxaço do serviço de correspondência, sendo visualizados tanto pelo destinatário quanto pelo remetente. Em vista disso, entendemos que essas imagens desempenhavam um papel político específico no interior da estrutura administrativa e financeira dentro do Estado, sendo sua produção, distribuição, utilização incumbências do aparelho estatal, neste caso o ministério dos correios. E, portanto, estes se constituem como fontes icnográficas, por meio das quais é possível analisar a história política de uma nação, neste caso, o Império Otomano sob o governo nacionalista dos Jovens Turcos.

Um ponto essencial é o fato de que o próprio Estado determinava as características físicas dos selos: valores, cor, papel utilizado na impressão, formatos, e principalmente as imagens que estes conteriam (Cabral, 2009)<sup>37</sup>. Sendo que é neste último ponto que devemos nos ater com mais atenção na análise dos selos impressos entre os anos de 1913 e 1918 pelo correio otomano. Pois estes irão conter imagens do Sultão Mehmed V, da capital imperial (Constantinopla), tropas otomanas nas frentes de combate da Primeira Guerra Mundial, especialmente retratando a Batalha de Gallipoli de 1915; denunciando deste modo uma estreita relação entre as imagens impressas nos selos, e o projeto nacionalista empreendido pelo governo otomano.

Partindo dos estudos de Eduardo França Paiva (2006), sobre a importância da imagem para a compreensão do processo histórico-social, podemos afirmar que os selos não representam fielmente o passado, pois correspondem a fragmentos ideológicos do governo que os produziu. E, portanto, carregam “armadilhas” e “perigos” os quais o historiador deve sempre estar atento para evitar “anacronismos”:

A imagem, bela, simulacro da realidade, não é a realidade histórica em si, mas traz porções dela, traços, aspectos, símbolos, representações, dimensões ocultas, perspectivas, induções, códigos, cores e formas nela cultivadas. (PAIVA, 2006, p. 18-19)

---

<sup>37</sup> Embora o autor tenha trabalhado com a filatelia durante do período do Brasil Imperial, sua análise centra-se na função ideológica e nas relações políticas, que uma instituição pública (Ministério dos Correios) desempenha dentro do aparelho de Estado.

Feita está ressalva e compreendendo a parcialidade dos selos como fonte historiográfica, resta-nos debater o fato de que tais imagens não surgiram de forma aleatória, mas foram, portanto, construídos por indivíduos ligados a administração estatal, e que estavam, em variados graus, comprometidos com o projeto político que pretendia “turquificar”, usando a expressão do embaixador norte-americano, o Império Otomano. Partindo dos conceitos de Roland Barthes (1984)<sup>38</sup>, consideramos que tais indivíduos sejam os “*operatores*”, ou seja, aqueles responsáveis pelo processo de produção das imagens, que segundo o autor podem ser entendidos como “fotógrafos”, uma vez que as imagens contidas nos selos se assemelham á fotografias. Deste modo, podemos formular o seguinte questionamento: quem são o *operatores* dos selos no Império Otomano? E como podemos identificar este grupo? Partindo para o método barthesiano, de produção e consumo de imagens, estariam presentes três elementos interligados, e indispensáveis para a produção da fotografia:

O operador é o fotógrafo. O Spectator somos todos nós que consultamos nos jornais, nos livros, álbuns e arquivos, coleções de fotografias. E aquele ou aquilo que é fotografado é o alvo, o referente, uma espécie de pequeno simulacro, de “eidôlon” emitido pelo objeto, a que poderia muito bem chamar-se de Spectrum da fotografia, porque esta palavra conserva, através da raiz, uma relação como o “espetáculo” e acrescenta-lhe essa coisa um pouco terrível que existem em toda fotografia: o regresso do morto. (BARTHES, 1984, p.)

Portanto, compreendemos que os *operatores* correspondem os indivíduos responsáveis pela idealização e produção das imagens, ou seja, eles decidiram quais elementos da realidade iriam representar nos selos postais, reafirmando o caráter ideológico destes, uma vez que circulariam por todo o Império Otomano e até mesmo no exterior de suas fronteiras, atingindo outros Estados com os quais tinha relações comerciais ou levas migratórias de súditos otomanos. Á vista disso, é possível inferir que estes indivíduos integrassem um grupo restrito do aparelho de Estado do Império, desempenhando cargos administrativos, em um setor específico de gestão pública, o Ministério dos Correios. Então o que esses funcionários públicos almejavam? E por fim, qual pensamento político estes indivíduos procuravam destacar por meio dos selos?

---

<sup>38</sup> BARTHES, Roland. A Câmera Clara. Notas sobre fotografia / Roland Barthes; tradução de Júlio Castañon Guimarães. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Para responder as perguntas anteriores precisamos compreender inicialmente como se desenvolveu a instituição responsável pela construção dos selos postais no Império Otomano, e cabe aqui uma pequena digressão. O sistema de correios havia sido reconfigurada durante a era *Tanzimat*, para promover o melhoramento da interligação entre as diferentes partes do Império. Em 23 de setembro de 1840 passou por reorganização administrativa com o estabelecimento do Ministério Postal sob o comando de Ahmet Şükrü Bey, submetido ao Ministério do Comércio. Sendo aberta no mesmo ano em Constantinopla a primeira agência do correios otomana. Em 1863, o Império Otomano passou a usar selos postais (sobre administração de Agâh Efendi), em substituição ao antigo sistema de taxas sobre correspondência onde o ônus ficava a cargo do destinatário. Tornou o Império Otomano o segundo estado independente a Ásia, a imprimir e utilizar selos.

Em 1871, o correio otomano passou a ser identificado como Ministério dos Correios e Telégrafos, sendo submetido ao Ministério do Interior até a dissolução do governo otomano. Além da agência oficial, outras nações possuíam sistemas postais independentes que atuavam dentro do Império, como a Alemanha, Rússia, Grécia e Itália. Após o golpe de 1913, o Ministério dos Correios e Telégrafos passaram diretamente para às mãos do Ministro do Interior Mehmed Tallat, que havia sido funcionários de baixo escalão do mesmo ministério na província de Salônica (Palmer, 2013; Turkishpostalhistory, 2020).

Analisando o histórico da instituição, é possível inferir que sua reformulação durante a era *Tanzimat*, estava ligada aos interesses do Estado otomano em promover a sua atualização administrativa em moldes ocidentais, e, portanto, incutida com as ideias de afirmação do poder do sultanato turco-otomano frente aos seus súditos, e por isso a impressão do monograma imperial, *thugra* (semelhante ao selo real ocidental). Com a Revolução dos Jovens Turcos em 1908, e a instauração da monarquia constitucional, uma classe burguesa formada por intelectuais, comerciantes, funcionários públicos e membros da elite militar, incutidos com ideais de liberdade, fraternidade e igualdade, mas principalmente de nacionalidade. Este último será a mola mestra de toda uma política nacionalista otomana, sendo delimitada por intelectuais como Ahmet Rizâ Bey.

Ahmet Riza Bey (1858-1930) foi aluno do Liceu Galatasaray, e, portanto, vivenciou as transformações pelas quais o Império Otomano passou na segunda metade

do século XIX durante o auge da era *Tanzimat*, ao gradual aumento dos incentivos a “ocidentalização” da educação e da administração pública até as reduções territoriais e guerras internas e externas. Ingressou na carreira pública onde trabalhou nos Ministério da Agricultura e no Ministério da Educação, depois ingressou na carreira política, passando a articular um movimento de oposição ao Sultão. Exilado na França, passou a publicar em 1895 um periódico, denominado “*Meşveret*”, defendendo o desenvolvimento da educação e do direito no interior da sociedade otomana, mas principalmente do conceito de “otomano”, ou seja, a delimitação do eu e do outro, sobre os preceitos de integração dos diferentes povos do Império contra a constante ameaça das potências imperialistas da Europa.

O estabelecimento do nacionalismo “otomano” tinha deste modo a função de preservar a integridade territorial, através do estabelecimento de uma identidade nacional, que seria responsável por promover-se a substituição da antiga relação do governo imperial com seus súditos, para uma nova relação de igualdade entre os cidadãos otomanos independente da religião. Contudo, os anos que se seguiram a instauração da Constituição de 1908 foram extremamente turbulentos com o aparecimento de diversos conflitos simultaneamente, desde revoltas nas províncias otomanas na Europa Oriental (Guerras Balcânicas) até invasão da Itália na Líbia, provocaram a cisão entre a ala da burguesia liberal com os nacionalistas radicais, majoritariamente militares e funcionários públicos (CUP), que articularam a tomada de poder em 1913.

A ascensão do Partido da União e Progresso resultou em um projeto de substituição do nacionalismo “otomano”, que devido ao seu caráter de agregação de diferentes etnias e culturas demonstrou-se frágil frente aos constantes conflitos em defesa emancipação nacional, e, portanto, ao ideal de unidade do Império. O novo nacionalismo estabeleceu suas bases na população de origem, língua e cultura turca, e conseqüentemente, de matriz religiosa muçulmana. Segundo Albert Hourani (2005, p.296):

A base do império devia ser a unidade nacional partilhada por todos os que falavam turco e eram de origem turca, a sua política devia ser conduzida para promover os interesses dos turcos tanto fora como dentro do império, pois o império era ou deveria ser a terra natal de todos os turcos. Essa idéia implicava que se deveria fazer uma tentativa de para reforçar o domínio do elemento turco no governo e

na administração e até transformar outros grupos étnicos em turcos, [...].

Portanto, podemos afirmar que os *operatores* eram intelectuais membros da burguesia otomana, tais como Ahmet Riza Bey, que desencantados com o sultanato promoveram um movimento político, de cunho reformador e nacional, que conseguiu atrair funcionários públicos e militares para um projeto constitucional no Império, tendo como principal objetivo a continuação do Estado otomano. Contudo, tendo sido impossibilitados pelas dificuldades inerentes a ideia de agregar diferentes etnias em um único conceito nacional, acabou provocando a radicalização política, e a consequente reformulação deste ideal assentada no povo turco, que habitava majoritariamente a região da Anatólia e de religião muçulmana. Integrando este mesmo corpo de intelectuais temos também Mehmed Tallat, membro dos Jovens Turcos, que após o golpe de 1913, se estabeleceu como Ministro do Interior, ao qual estava veiculado o Ministério dos Correios e Telégrafos Otomano. Destarte, estabelecemos quem eram os *operatores*, sua classe social, suas funções dentro do aparelho de estado, e por fim, a pensamento político que guiava seu projeto de nação. Faltando somente, apontar como os selos desempenhavam sua função dentro do aparelho de estado? E, por que, as imagens que eles traziam impressas podem ser entendidas como fazendo parte de um projeto nacionalista?

O Império Otomano, sob os Jovens Turcos, se esforçou durante o início do século XX em maximizar a eficiência de seus aparelhos de Estado, especialmente aqueles que permitiram a construção de alicerces para sua permanência no poder. E neste caso, que se insere o sistema de correios, dado que a melhora nos processos de postagem e entrega de correspondências, está interligado com o desenvolvimento dos meios de comunicação então em voga na época. Como resultado, esta instituição proporcionaria, com sua eficácia, dividendos, mas também permitiria que Estado tivesse acesso, e, portanto, controle sobre informações a ele pertinentes. Outra face desta instituição fica a cargo dos selos, que por meio destes levava as imagens do poder do Estado a regiões e territórios distantes da esfera de influência do centro do governo. Vinculando essas regiões e seus habitantes ao governo otomano, que mesmo geograficamente afastado, se fazia presente através das imagens estampadas nos selos. Partindo desta interpretação os selos, segundo o historiador Luciano Mendes Cabral (2009, p. 31-32), transformar-se-iam em símbolos:



Neste aspecto, os selos ganham uma relevância maior. Deixam de ser meros papezinhos coloridos que desempenham uma função administrativa, a de comprovar o pagamento antecipado do serviço a ser prestado, e se tornam símbolos desse Estado que pretende se fazer presente em todo o seu território. Passam a estar revestidos de um poder simbólico que atua na construção e na consolidação do Aparelho Estatal. Não é por acaso que nesse momento as primeiras emissões de selos postais estampam, na maioria das vezes, a effigie dos soberanos ou governantes no poder.

Deste modo, ao elencar as estampas presentes nos selos como símbolos de Estado é plausível classificar os selos impressos entre 1863-1923 em três categorias, de acordo com as fases as quais o Estado Otomano atravessou. O primeiro grupo seria formado pelos selos postais que continuavam a retratar a monograma do sultão ornado com arabescos, onde estariam inseridos os valores nos tradicionais tons de verde, azul, carmim, entre outras cores, impressos entre 1863 e 1913<sup>39</sup>. A Revolução dos Jovens Turcos de 1908 não alterou de imediato a estrutura política do sultanato otomano. Organizados entorno do Comitê de União e Progresso, os revolucionários optaram pela instauração de uma monarquia constitucional, com a manutenção do Sultão Abdülmecid no trono. Mesmo após o movimento contrarrevolucionário de 1909, os Jovens Turcos mantiveram a instituição do sultanato como aparelho ideológico do Estado, no objetivo de legitimar a constituição e o novo governo. Isto somado aos contínuos conflitos com outros países (movimento contrarrevolucionário encabeçado pela Sociedade pela Unidade Islâmica, guerra ítalo-turca de 1911-1912, as duas guerras balcânicas de 1912-1913) neste período, explica a manutenção do monograma do sultão nos selos postais entre os anos de 1908 e 1913, como uma clara tentativa de reafirmar imagetivamente o poder do estado sobre os territórios otomanos por meio da simbologia imperial e da tradição da Casa de Osmã<sup>40</sup>, que desde modo outorga o novo governo.

---

<sup>39</sup> A presente organização dos selos em três grupos corresponde a uma separação cronológica, que envolve as mudanças de caráter político no interior do Estado Otomano. Utilizada pelos filatelistas e estudiosos turcos, como o prof. Doutor Kubilay Yazici, da Omar Halisdemir University e autor do estudo “Tarih öğretiminde posta pullarının kullanılabilirliğine bir örnek “100 posta pulu ile türk tarihinden bir kesit – 1863-1950 yılları arası”” (Um exemplo da disponibilidade dos selos postais no ensino de História: “Uma parte da História Turca com 100 postais – entre 1863-1950”).

<sup>40</sup> Como era identificada a dinastia otomana que governou o Império Otomano entre 1281 até 1923.



Figuras 3: Selos impressos entre 1908-1913 retratando o monograma do sultão em diversas cores. Fonte: Arquivo do autor.

Com o golpe de 1913, que colocou no poder o triunvirato ditatorial houve o crescimento da propaganda nacionalista turca, tendo se expandido enormemente após a entrada do país no conflito mundial; com apoio alemão, para a publicação e distribuição de panfletos, cartazes, e livros por espões para disseminar o ódio ao “inimigo cristão infiel”. Sendo complementado com um amplo projeto de centralização administrativa entorno da cúpula da CUP, e de tentativas de reavivar a força política do sultanato, na figura de Mehmet V, despertando o sentimento de lealdade entre os súditos do Império (McMeekin, 2011). O segundo grupo de selos, foi lançado em 1913 e impressos até 1919 quando o Sultão foi deposto, procuram representar os principais símbolos do domínio otomano como os principais monumentos da cidade de Constantinopla, tais como suas mesquitas, colunas bizantinas, fontes e retratos do Bósforo. Os selos deste grupo continuaram sendo enfeitados com arabescos contornando a imagem, e nas extremidades vem impresso a monograma imperial mais o valor, em tons verdes, azuis, carmim e laranja.



Figura 4: Mesquita do Sultão Ahmed, selo postal de 1913. Fonte: Arquivo do autor.



Figura 5: Mesquita de Ortaköy, selo postal de 1916. Fonte: Arquivo do autor.

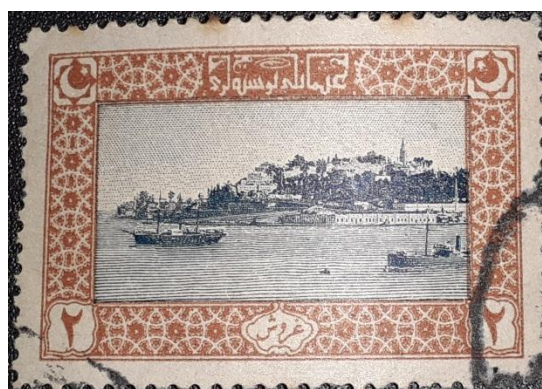


Figura 6: Ilustração de Constantinopla através do Chifre Dourado, selo postal de 1916. Fonte: Arquivo do autor.

Partindo para a análise destes selos, é perceptível a tentativa por parte do governo da CUP, de resgatar o que consideravam e idealizavam ser a “grandiosidade do passado otomano”, e com isso despertar o sentimento de patriotismo/nacionalismo através dos selos utilizados para a taxação das cartas, um dos meios de comunicação mais comuns da época. Pois, de acordo com Eric Hobsbawm (1990), foi através da criação de uma propaganda, que apresentava a guerra como “defensiva”, dirigida aos cidadãos/súditos que os governos beligerantes esperavam despertar o sentimento de pertencimento a nação:

Contudo, é significativo que os governos beligerantes pediram apoio para a guerra não simplesmente através do patriotismo cego e menos ainda com base na glória machista e no heroísmo, mas através de uma propaganda dirigida fundamentalmente a civis e cidadãos. (...) Todos apresentaram-na como uma ameaça, vinda do estrangeiro, aos ganhos cívicos próprios de seu lado ou de seus países; todos aprenderam a apresentar seus objetivos de guerra (embora de alguma forma inconsistentemente) não apenas como a eliminação de tais ameaças, mas como, de alguma forma, a transformação social do país, no interesse de seus cidadãos mais pobres (“lares de heróis”). (HOBSBAWM, 1990, p. 110)

A partir desta linha de pensamento, é possível compreender a representação das mesquitas (símbolo de duplo significado, tanto religioso quanto político), do Palácio Dolmabanche (sede da corte do Sultão), e da própria capital otomana, como símbolos nacionais para os súditos otomanos, e que, portanto, eram passíveis de atrair o sentimento de lealdade para com o Estado. Um segundo lote destes selos trazia a fotografia do Sultão Mehmet V em trajes militares, enquanto outros o representavam ao lado do Palácio Dolmabanche, e, por último, ao lado de um pequeno mapa retratando a vitória dos turcos sobre os britânicos e franceses na Campanha de Galípoli, como ficou conhecida, como um dos eventos mais marcantes da guerra, tanto pelos números de vidas perdidas de ambos os lados das trincheiras, como pela resistência otomana frente a uma força militar conjunta das grandes potências.<sup>41</sup> Esta batalha ocorrida no estreito de Dardanelos na Península de Galípoli, foi desencadeada por uma ofensiva conjunta dos aliados (britânicos<sup>42</sup> e franceses), com o objetivo de conquistar a capital otomana e liberar a navegação no Mar Negro para abastecer a Rússia czarista; contra uma força conjunta do exército turco e alemão estacionados nas fortalezas da região, comandados pelo General Liman Von Sanders. Durante o confronto, apesar de não ser o comandante em campo, um jovem oficial Mustafá Kemal (1881-1938) membro da CUP, tornou-se um herói de guerra prestigiado, que desempenhará um importante papel no momento de desagregação do Império.

Para os otomanos esta batalha passou a ser divulgada como um momento crucial, onde os soldados turcos lutavam não somente pela defesa de um território, mas sim pela defesa de sua terra natal. A sua representação nos selos procurava reafirmar a força do nacionalismo turco, ao mesmo tempo em que tentava reafirmar a proeminência política e militar do sultanato otomano, com a representação de Mehmet V ao lado do mapa da Batalha de Galípoli. Esta campanha publicitária, incentivada pelos aliados

---

<sup>41</sup>A memória dos eventos ocorridos durante a Campanha de Galípoli deixou marcas profundas não somente nos combatentes que sobreviveram, mas também nas sociedades dos países em conflito. Na Austrália e na Nova Zelândia, onde foram recrutados os soldados que compunham a ANZACS (Forças Armadas da Austrália e da Nova Zelândia que combatiam pelo Reino Unido) e na qual houve um número expressivo de baixas, ficou marcado com a celebração de homenagens aos mortos em combate no dia 25 de abril.

<sup>42</sup> Segundo o historiador francês Max Schiavon, que estudou a Frente Oriental da Primeira Guerra Mundial: “A conta das perdas humanas foi alta, muito alta. Do lado francês, dos 79.000 homens envolvidos, 3.700 foram mortos, 17.300 mil feridos e 6.000 considerados desaparecidos, aos quais se acrescentam milhares de evacuações médicas provocadas por doenças. Os britânicos tiveram 127.000 mortos, feridos ou desaparecidos, e os turcos, quase 220.000, dos quais 66.000 mortos. O ataque aos Dardanelos foi um erro, uma sangrenta tragédia, que causou cruel decepção aos militares e aos políticos. A capacidade e o prestígio dos aliados foram abalados por esse insucesso estratégico, enquanto, pelo contrário, os turcos saíram revigorados do confronto” (SCHIAVON, 2017, p. 101).

alemães, tinha a intenção de consolidar o Sultão como Califa e, desta forma, despertar o sentimento de pertencimento a uma comunidade muçulmana global entre os súditos de outros impérios beligerantes (McMeekin, 2011). A vitória dos otomanos sobre os Aliados fortaleceu a causa nacionalista turca diante das derrotas em outros fronts, apesar do enorme custo material e humano da campanha.



Figura 7: Selo de 1916 retratando do Sultão otomano Mehmet V em trajes militares.

Fonte: Arquivo do autor.



Figura 8: Mapa da Península de Dardanelos/Galípoli com setas apontando as forças militares envolvidas na batalha, ao lado da imagem do Sultão Mehmed V, selo de 1916.

Fonte: Arquivo do autor.



Figura 9: Ilustração do Palácio *Dolmabanche*, ao lado a figura do Sultão Mehmed V, selo de 1916. Fonte: Arquivo do autor.



Figuras 10: Selo otomano de 1917 que estampa fotografia de soldados otomanos combatendo nas trincheiras. Fonte: Arquivo do autor.

No terceiro e último lote deste período, os selos retratavam os soldados otomanos nas frentes de batalha durante a Primeira Guerra Mundial. O primeiro é uma fotografia impressa em carmim de soldados turcos combatendo nas trincheiras, outro representava a artilharia turca em tons de azul, outros três selos foram lançados retratando fotografias do exército turco no Deserto do Sinai, por último uma ilustração de um soldado identificado como o “Sentinela de Beersheba”, tinham por objetivo demonstrar que está região do Sinai era domínio turco, e que o Império exercia preponderância nestes territórios em oposição aos revoltosos árabes.

Pois durante este período o Império Otomano enfrentou dissidências internas com os árabes, que auxiliados pelos ingleses, organizaram um movimento de teor nacionalista, conhecida como a Revolta Árabe (1916-1918). E nesta frente de batalha da

Primeira Guerra, que teremos a participação da controversa figura do oficial britânico, Thomas Edward Lawrence (1888-1935), que longe de contribuir para o desenvolvimento de um Oriente Próximo independente acabou provocando a sua submissão ao imperialismo das grandes potências após a guerra. Contudo, e inegável afirmar que a força árabe despertada em 1916, arrecadou importantes vitórias sobre os turcos em 1917, com o descarrilamento de trens de suprimentos, a explosão de linhas férreas, a tomada de Aqaba em 6º de junho que permitiu aos britânicos a instalação de uma base de apoio aos árabes, e tomada de Jerusalém em 11 de dezembro. O que explica a tentativa por parte do governo otomano de reafirmar, através da propaganda política, seu domínio nos territórios da Península Arábica.

Todavia, o selo mais representativo lançado no final da guerra, retratava o Kaiser Guilherme II (Imperador Alemão) e o Paxá Enver (Chefe político do Comitê de União e Progresso) apertando as mãos no campo de batalha. A impressão de uma pessoa diferente do Sultão demonstrava as mudanças políticas pelas quais passara o Império Otomano durante a guerra, à figura de Enver ilustrava a mudança do poder governamental do Império, do sultanato para um membro do triunvirato da CUP.



Figuras 11: Selo otomano de 1918, retratando o Enver Paxá (Ministro de Guerra Otomano) e o imperador Guilherme II da Alemanha no campo de batalha. Fonte: Standard Postage Stamp Catalogue – Countries of the world S-Z vol. 6.



Figura 12: Selo que retrata a artilharia turca sendo transportada para á frente de batalha. Tinha o objetivo de apresentar a força militar otomana na guerra. Fonte: Arquivo do autor.



Figura 13: Selo de 1918 que estampa uma fotografia de tropas otomanas marchando pelo Deserto do Sinai. Fonte: Standard Postage Stamp Catalogue – Countries of the world S-Z vol. 6.





Figura 14: Selo de 1918, no qual está representando um soldado otomano de pé, supostamente preparando a sua arma, onde se lê em árabe o “Sentinela de Beersheba”.  
 Fonte: Standard Postage Stamp Catalogue – Countries of the world S-Z vol. 6.

Porém, a tentativa de produzir um nacionalismo puramente turco no interior de um Império multicultural, multiétnico, que comportava muitas religiões, acarretou na produção de nacionalismos divergentes do estatal em diversas regiões, conjuntamente com um dos maiores genocídios da história humana, o massacre dos armênios (1915-1917) que segundo estimativas vitimaram aproximadamente 800.000 mil -1.800.000 de seres humanos (Palmer, 2013; Morgenthau, 2010). No caso dos armênios, a sua população localizada majoritariamente na Anatólia Oriental próximo a fronteira com o Império Russo, constituiu-se como um dos entraves entre os dois impérios. Pois a população armênia era cristã, tendo sua ascendência religiosa desde os tempos bíblicos, sendo utilizada pela Rússia como subterfúgio para intervir em questões internas otomanas. Com sua população dividida entre dois grandes impérios, sem uma identidade nacional unificada, e sujeita a constantes atos de violência, começou a surgir na juventude intelectual armênia, um projeto nacionalista de independência, inspirado nos ideias da Revolução Francesa. Foram criadas organizações secretas e partidos políticos como *Henchakian*, a Federação Revolucionária Armênia e o *Rangavar* (FREITAS, 2014, p.9), que foram patrocinadas dubiamente pelos russos que almejavam enfraquecer os otomanos.

Com o advento da guerra, o exército otomano se reorganizou para combater em diversas frentes de batalha, sendo uma delas no leste da Anatólia em uma tentativa de invadir a Rússia pelo Cáucaso. Porém, as tropas turcas mal equipadas e abastecidas enfrentaram o exército russo em significativa desvantagem, que após sucessivas derrotas impuseram o recuo defensivo das forças turcas. A CUP acreditava que parte da população armênia estava ajudando o exército russo em seu avanço no Cáucaso, segundo Palmer (2013):

O ressurgimento da atividade dos *dashnak* na cidade de Van, com o ostensivo apoio russo a alguma forma de autonomia armênia nos dois lados da antiga fronteira, despertou temores dos otomanos de que os súditos armênios do Sultão encarassem os invasores czaristas como libertadores e, por conseguinte, apoiassem sua penetração na Anatólia. (PALMER, 2013, p. 233)

Temendo perder o controle no leste o governo otomano comandado pelo triunvirato da CUP, instauraram medidas restritivas a circulação da população armênia, bem como ao porte de armas. Rapidamente esta política evoluiu para um projeto de segregação e de extermínio dos armênios, pois diversos soldados de origem armênia que serviam no exército otomano foram expulsos das frentes de batalha e realocados para trabalhos insalubres no deserto, residências e estabelecimentos comerciais de armênios foram depredados especialmente na capital. Entre abril e maio de 1915, tropas otomanas entraram em conflito com a população da cidade de Van de maioria armênia, o que acabou por se transformar em uma revolta aberta ao domínio otomano. Em decorrência destes atos em maio de 1915 as autoridades da CUP autorizam a deportação em massa da população armênia das províncias orientais para o deserto da Mesopotâmia, as deportações perduraram até 1917, mas massacres ocasionais continuaram a ocorrer regularmente.

## 2.2 O FIM DO CONFLITO MUNDIAL E O ADVENTO DA TURQUIA MODERNA

Nos meses finais da Primeira Guerra Mundial, o Império Otomano encontrava-se consideravelmente fragilizado, doenças como febre tifoide, tuberculose, fome e disenteria, aliada às constantes derrotas haviam reduzido o exército otomano nas trincheiras e no deserto a uma tropa desorganizada e instável. As derrotas na região do Hejaz, que resultaram na capitulação de Jerusalém (11 de dezembro de 1917), Beirut e Damasco (1º de outubro de 1919), serviram para abater o que restava do ânimo do

exército turco. Enquanto isso a capital, Constantinopla, era uma cidade terrivelmente desmoralizada (Palmer, 2013), refugiados para lá se dirigiam em busca de alimento e abrigo, e abarrotavam as ruas e mercados solidificando ainda mais a crônica falta de víveres. Sobre a fome que assolou o Império durante a guerra o historiador britânico David Fromkin (2008) aponta os recrutamentos no campo como fator primordial para a perda de sucessivas colheitas, e a subsequente escassez de alimento:

A decisão de recrutar soldados no campo arruinou o que teria sido a abundante colheita de 1914. Isso estabeleceu um terrível padrão: durante toda a guerra, o recrutamento de homens e animais de carga trouxe fome nos bons anos e nos ruins. (...) Na véspera da guerra, havia apenas cerca de 17mil trabalhadores da indústria num império de 25 milhões de pessoas; para fins práticos, o país não tinha indústria; tudo o que tinha era agricultura, que agora estava arruinada. No final da guerra, as exportações estavam reduzidas a 1/4 e a importações 1/10. A Sublime Porta sofreu enormes déficits orçamentários durante a guerra. Sem ajuda, imprimiu papel-moeda para cobrir o déficit. Durante a guerra, os preços subiram 1.675%. (FROMKIN, 2008, p. 138-139)

A rendição da Bulgária em 30 de setembro de 1918, e o início das negociações de paz por parte da Alemanha acabaram dividindo o Conselho de Ministros, assinalando o fim do triunvirato. Em reunião no dia 1º de outubro, uma reunião do Conselho de Ministros resultou na renúncia de Tallat, Enver e Djemal do governo otomano somente efetivada no dia 8º de outubro. O então Sultão Mehmed VI, recentemente empossado após o falecimento de seu antecessor, anunciou o general Ahmed Izzet Paxá como grão-vizir e organizou um novo ministério (que ainda continuava sob o domínio da CUP), que seria responsável pelas negociações de paz. Em 20 de outubro um oficial britânico, Charles Towshend feito prisioneiro de guerra, serviria de ponte para as negociações de paz com a Inglaterra. Na ilha grega de Lemnos, no porto de Mudros, abordo do navio de guerra britânico *Agamemnon*, a delegação otomana chefiada por Rauf Bey (recentemente empossado como Ministro da Marinha Otomana), assinaram o Armistício de Mudros em 30 de outubro de 1918, no qual o Império cessava as hostilidades, se rendia as potências aliadas, desmobilizava suas forças militares, e permitia a ocupação dos estreitos otomanos, de Constantinopla, dos túneis da linha ferroviária pelo Monte Tauros e demais via férreas. Como medo de posteriores represálias contra seus atos no governo otomano, os membros do triunvirato tomam providências para escapar de Constantinopla, acompanhando autoridades alemãs que fugiam do território turco.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Mehmed Tallat Paxá é assassinado em 15 de março de 1921 por um nacionalista armênio na República de Weimar/Alemanha. Ismail Enver Paxá foi morto em combate em 4 de agosto de 1922 no Tajisquistão.

Enquanto isso impérios-centrais entravam em colapso, o Império Austro-Húngaro fragilizado pela guerra entra em processo de esfacelamento com a criação de diversos estados independentes, enquanto que a Alemanha assina em 11 de novembro o Armistício de Compiége, selando o fim do conflito mundial.

Como resultado, das negociações de paz e a proclamação dos Catorze Pontos de Wilson<sup>44</sup>, o gabinete do Grão-Vizir Ahmed Izzet é dissolvido, a CUP é desmobilizada como partido político, porém o Sultão seria conservado no trono. No entanto, o Império Otomano ficaria territorialmente restrito á regiões puramente turcas, o que significava que este conservaria apenas parte da Anatólia. No que dizia respeito os Estreitos Turcos (a passagem entre o Mar Negro e o Mar Mediterrâneo) seriam conservadas com a condição de livre passagem, sob a proteção e supervisão internacionais, o que acarretou na divisão de Constantinopla em zonas de influência entre britânicos, franceses, gregos, e italianos. Incentivados pelos britânicos e procurando compensações territoriais os gregos invadem e ocupam a região de Esmirna com população de ascendência grega, estas disposições acabaram sendo ratificada com a assinatura do Tratado de Sévres em 10 de outubro de 1920, que cedeu parte a Anatólia para os italianos e franceses, e previu a criação de um Estado independente para os armênios com as fronteiras a serem delimitadas em debates posteriores.

Os territórios árabes do Império Otomano foram partilhados entre a Inglaterra e a França, semelhante ao traçado do Acordo Sykes-Picot<sup>45</sup> formulado anos antes. A região da Palestina se transformaria em uma zona internacional sob o comando britânico, que também receberia a região da Mesopotâmia, enquanto que os franceses receberiam a Síria e o Líbano (Becker, 2011). Contudo, ainda em 1919 surgiu na Turquia um movimento de oposição á ocupação das grandes potências, o Movimento Nacional Turco-MNT, liderado pelo oficial do exército Mustafá Kemal. E neste período que

---

Ahmed Djemal Paxá foi assassinado em 21 de julho de 1922 em Tibilise, na República Socialista Soviética da Geórgia, durante a perseguição as lideranças otomanas responsáveis pelo genocídio armênio, empreendida pela Federação Revolucionária Armênia.

<sup>44</sup> O presidente dos Estados Unidos da América, anunciou em 8º de janeiro de 1918, “Os Quatorze Pontos” que constituíam as diretrizes a serem seguidas nas negociações de paz após a Primeira Guerra Mundial, entre eles está o “Princípio de Auto-determinação dos Povos” que assegurou a criação de diversos estados na Europa Oriental.

<sup>45</sup> O Acordo Sykes-Picot, foi um acordo secreto assinado em 16 de maio de 1916, pela França e Inglaterra, com o objetivo de definir suas esferas de influencia no Oriente Médio após a Primeira Guerra Mundial, e a derrota do Império Otomano. O tratado foi idealizado pelos diplomatas, Sir Mark Sykes e François Georges-Picot, a revelia das outras potências aliadas e sem levar em conta o conceito de autodeterminação dos povos, o que acarretou uma série de incidentes diplomáticos durante as conferências de paz.

foram produzidos os últimos selos do Império Otomano, longe de retratar aspectos do conflito mundial e do nacionalismo turco, eles voltaram a representar monumentos da capital, como o Obelisco de Teodósio no Hipódromo de Constantinopla, a Mesquita do Sultão Süleymaniye (Solimão, o Magnífico) e uma fonte, dentre as muitas espalhadas pela cidade, sendo estes os últimos selos impressos pelo Império Otomano.



Figura 15: Selo reproduzindo o Obelisco de Teodósio no Hipódromo de Constantinopla, que é hoje Praça Sultanahmet, em Constantinopla. Fonte: Arquivo do autor.



Figura 16: Selos contendo figura da Fonte do Sultão Süleymaniye, uma entre muitas construídas na capital otomana. Fonte: Arquivo do autor.

Contudo, o Tratado de Sévres longe de proporcionar a manutenção da paz incentivou a revolta da população turca contra a ocupação estrangeira. Ainda em abril

de 1920, o MNT organizou eleições para o parlamento unicameral turco, comumente denominado de a Grande Assembleia Nacional da Turquia, que chefiado pelo militar e herói da Batalha de Galípoli, Mustafá Kemal. Está singular figura havia sido membro da CUP desde sua formação, participou da Revolução de 1908, suprimiu a contrarrevolução de 1909, e tomou partido no golpe de 1913, conseguiu reunir em torno de si os setores conservadores da sociedade turca, as classes militares, comerciantes, e as classes desfavorecidas entorno do ideal de reunificação da Turquia. Eleito presidente pela Assembleia Nacional, Mustafá Kemal estabeleceu um governo turco em Ancara, de oposição ao do Sultão visto como colaborador da ocupação britânica de Constantinopla, e um traidor por ratificar os acordos de paz que despedaçava a soberania turca. O primeiro selo impresso pela Grande Assembleia Nacional do Turquia estampa um mapa da Anatólia, apresentando sua divisão pelo Tratado de Sévres, e foi confeccionado com o objetivo de propaganda para resgatar o orgulho turco na reconquista de suas terras perdidas nos acordos de paz. E neste panorama de constantes mudanças e redefinição de fronteiras que se inicia uma nova guerra entre gregos e turcos pela reconquista da Anatólia e da cidade de Esmirna.

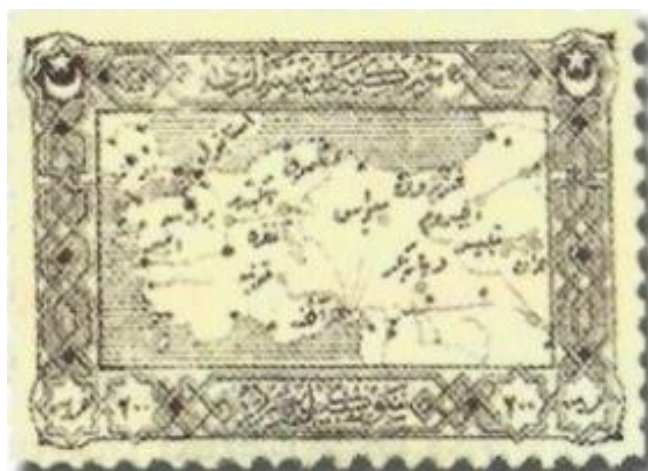


Figura 17: Selo contendo mapa da Anatólia representando as áreas tomadas dos turcos pelo Tratado de Sévres em 1920 foi confeccionado com o objetivo de propaganda para a retomada desses territórios controlados pelas potências estrangeiras. Fonte: Standard Postage Stamp Catalogue – Countries of the world S-Z vol. 6.

As tropas gregas estacionadas em Esmirna desde 1919 seguem avançando pelo interior da Anatólia, porém o exército turco desmilitarizado pelos acordos de paz começa a se agrupar entorno do novo governo em Ancara, empreendendo a reação dos

nacionalistas turcos contra os invasores gregos. Este conflito que perdurou por quatro anos (1919-1922), transformou-se em uma campanha pela libertação da Turquia. Somente em outubro de 1922 os turcos com apoio militar dos bolcheviques (Vargas, 2016) conseguiram expulsar as tropas gregas de Esmirna e fazer frente ao exército Aliado sediado em Constantinopla, que foi evacuado em 24 de julho de 1923. A proclamação da República Turca é feita em outubro de 1923.

A vitória sobre as forças da estrangeiras selou a guerra da independência turca, todavia os nacionalistas temeram que o Sultão recuperasse o seu prestígio e tentasse reaver o seu poder político, por isso eles decidiram abolir o sultanato, com a deposição de Mehmed VI que fugiu do país, deixando-o apenas a instituição religiosa do califado. E neste momento, que o último califa otomano, Abdulmecid II é eleito califa pela Assembleia Nacional da Turquia em 18 de novembro de 1922, instituição está que sobreviveu sem significativos poderes até 1924, quando foi abolida. Neste meio tempo, o governo republicano turco havia entrado em negociações com as potências aliadas para a assinatura de um novo tratado de paz, que foi firmado em 29 de outubro de 1923, e ficou conhecido como Tratado de Lausanne, que determinava a restituição do Bósforo, Dardanelos, e Constantinopla, bem como parte do território europeu, à região da Armênia Ocidental, Curdistão Ocidental, e da Costa Oriental do Mar Egeu ao domínio turco (Vargas, 2016). O que sela definitivamente o fim do Império Otomano e o início da República da Turquia.

Portanto, podemos afirmar que as duas primeiras décadas do século XX, assinalaram um período de profundas transformações sociais no Império Otomano. A ascensão do Comitê de União e Progresso em 1908 no complexo jogo político otomano resultou no golpe de Estado que substituiu a autocracia do Sultanato por uma monarquia constitucional, que por sua vez declina em 1913 em um triunvirato ditatorial (Tallat, Djemal e Enver). Desta feita surge o nacionalismo otomano, na tentativa de despertar o sentimento de pertencimento territorial dos turco-otomanos para com a região da Anatólia, em paralelo com uma campanha de valorização da cultura otomana em detrimento da cultura árabe. O que provocou a produção de selos com representações do Sultão, da arquitetura e das construções públicas e religiosas da capital (Constantinopla). E, após o início das hostilidades em 1914 (Primeira Guerra Mundial), a representação do soldado otomano na frente de batalha. Fazendo desse modo que os selos atuassem na disseminação de uma ideologia política, tendo como resultados o

massacre de minorias cristãs em todo o território otomano, especialmente na Anatólia Oriental (caso armênio) e de minorias cristãs na costa ocidental da península arábica, gerando também em contrapartida, o surgimento do nacionalismo árabe (Revolta Árabe, 1916-1918), e a explosão de movimentos nacionalistas de outras comunidades contrários aos interesses do governo otomano. Estes eventos acabaram assinalando o estágio cisão no interior do Estado otomano, no qual o governo central incapaz de unificar a população antes proporcionou sua divisão. Pois, segundo a historiadora Maria Yedda Linhares (1982), o governo otomano sempre foi ineficiente em integrar as populações sob seu domínio:

No caso da dominação turca, foi evidente a superposição de uma casta otomana às populações pré-existentes, árabes e outras, por sua vez, já anteriormente hierarquizadas com seus sistemas próprios de estratificação. É evidente também que a participação dos “súditos” na vida política de um Estado que tem na sua base a escravidão e uma classe dirigente estrangeira, embora associada à “aristocracia” local, não pode deixar de ser insignificante. Os segmentos inferiores das estruturas sociais tendiam a demonstrar um comportamento indiferente às manifestações do poder (soberano e camadas dirigentes), salvo “quando entram em jogo a religião, a corrupção e a opressão excessiva” (G. E. Von Grunebaun, *El Islam, Siglo XXI*, 1975, p.8). (LINHARES, 1982, p. 31-32)

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) resultou no esfacelamento dos grandes impérios multiétnicos, da dinastia otomana, da dinastia Habsburgo (Áustria-Hungria), e dos Romanov na Rússia. No que correspondia ao território otomano se constituiu num miríade de novos Estados-Nações e diversos territórios semiautônomos controlados pelas grandes potências (França e Inglaterra) vencedoras do conflito mundial. Enquanto que sua capital transformou-se em palco da disputa imperialista de diversos países até o advento da Assembleia Nacional da Turquia em 1920. Estes fatos acabaram demonstrando que as comunidades locais na busca por independências se apropriaram dos conceitos ocidentais (entre eles, o nacionalismo), além de suas técnicas militares e diplomáticas. Contudo, não saíram incólumes deste processo, no caso armênio, o massacre de milhares de indivíduos pertencentes a este grupo étnico, e o seu não reconhecimento pelo novo governo turco, tornou-se uma mácula entre os dois países. Paralelamente, o fenômeno da imigração de indivíduos pertencentes às diversas comunidades que integravam o Império, iniciado ainda no final do século XIX, recebe um novo impulso durante a guerra e após o conflito. Milhares de pessoas identificadas com as diversas nacionalidades que emergiram como sírios, armênios, libaneses, turcos incrementam o êxodo migratório na região em busca de melhores condições de vida em outros lugares, entre eles o continente americano, em especial o Brasil.



## MAPA II

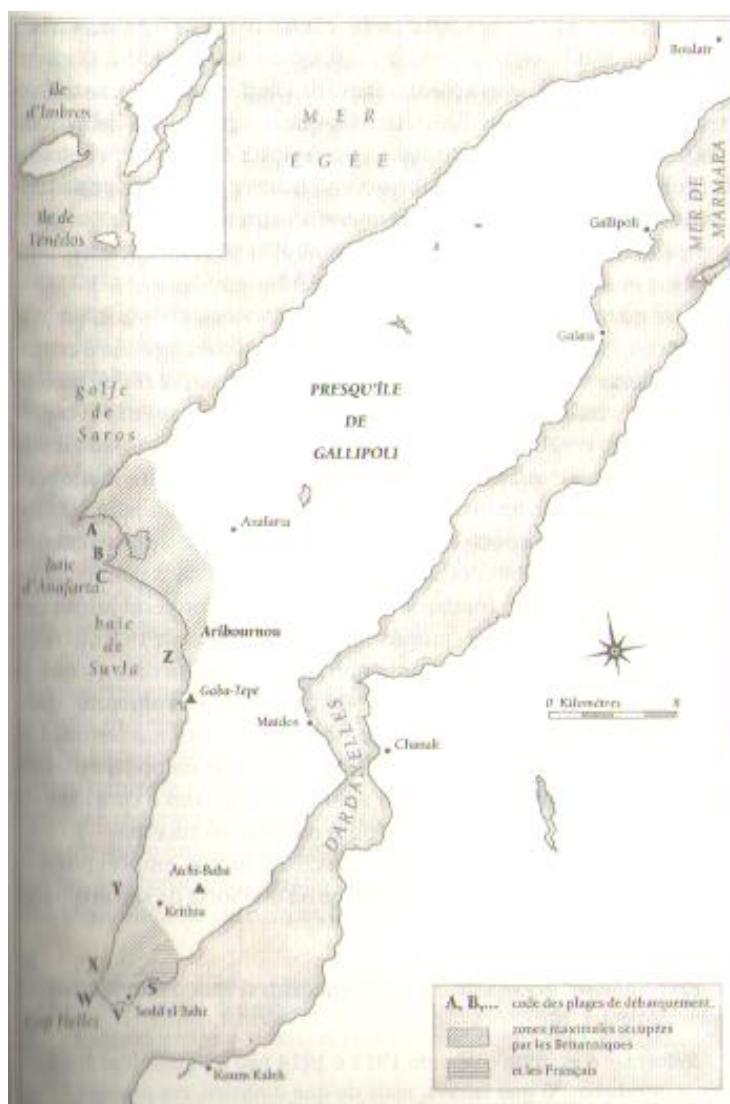


Figura 18: Mapa representando a Península de Galípoli e a localização do desembarque das forças Aliadas no dia da invasão. Título original: As operações nos Dardanelos em 1915. In. SCHIAVON, Max. A Frente Oriental: do desastre de Dardanelos à vitória final; 2017, p. 39.

## MAPA III

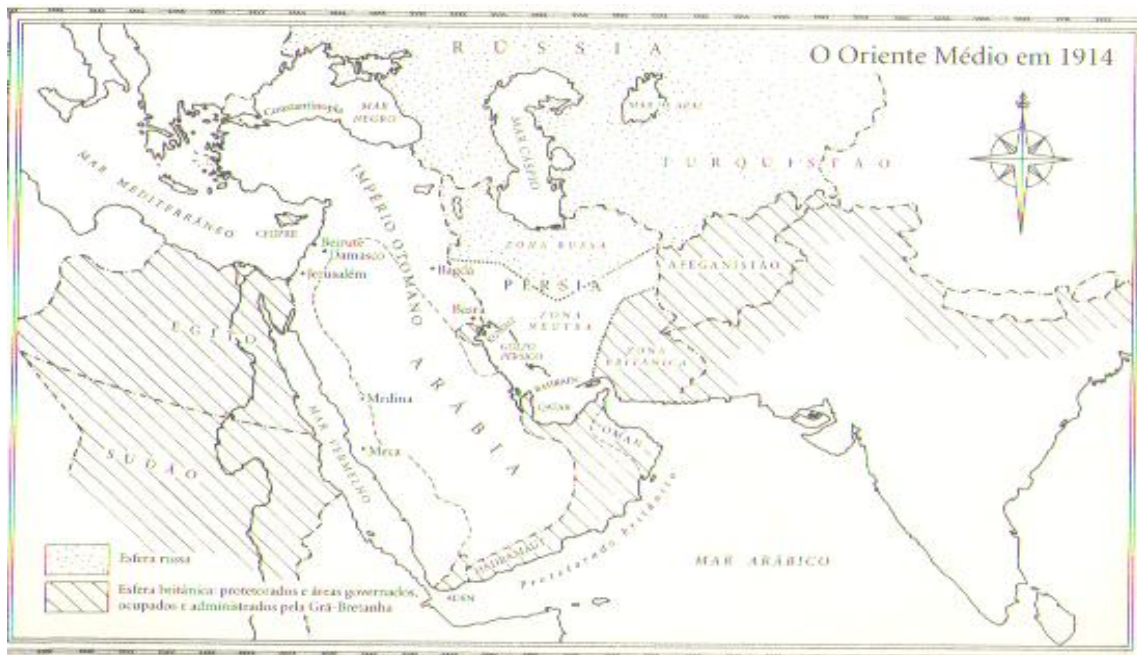


Figura 19: Mapa geopolítico do Oriente Médio antes de 1914. Título original: O Oriente Médio em 1914. In. FROMKIN, David. Paz e Guerra no Oriente Médio: A queda do Império Otomano e a criação do Oriente Médio Moderno; 2008.

## MAPA IV

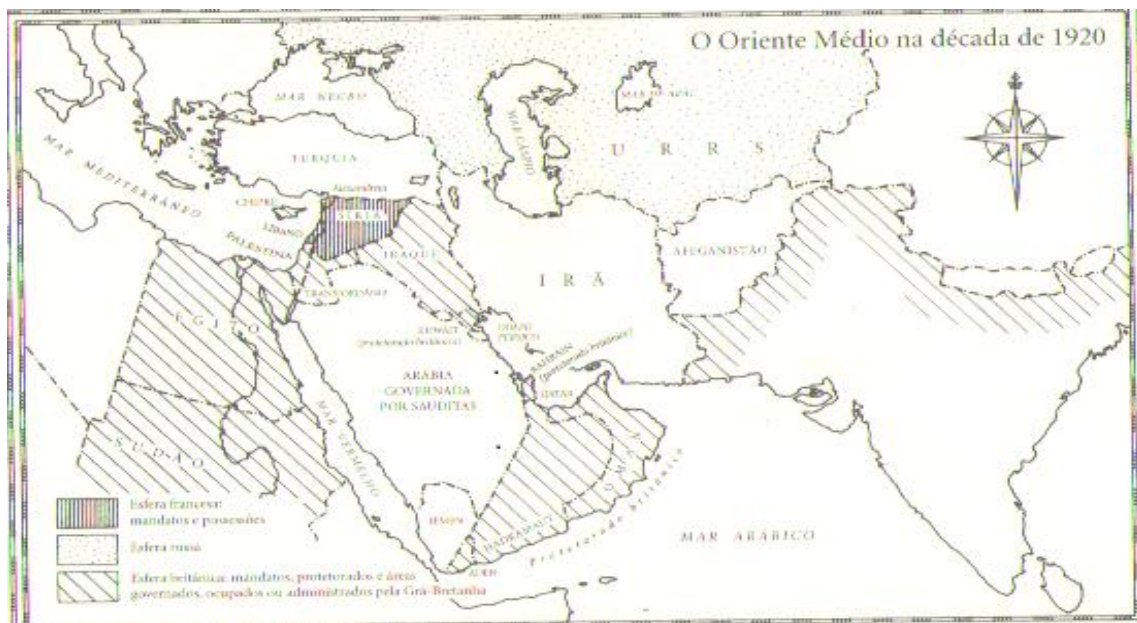


Figura 20: Mapa geopolítico do Oriente Médio nos anos 1920. Título original: O Oriente Médio na década de 1920. In. FROMKIN, David. Paz e Guerra no Oriente Médio: A queda do Império Otomano e a criação do Oriente Médio Moderno; 2008.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Império Otomano estava longe de ser uma entidade homogênea, os constantes conflitos nas fronteiras e a existência de diversos grupos étnicos espalhados por todo o Império, produziam uma complexa malha de divergentes realidades políticas, sociais e culturais, tecida e sustentada por relações de interdependência, que tinha como tecelão a instituição do sultanato. No século XIX, formas de identidade nacionais amparadas em grupos étnicos e em identidades religiosas, começaram a se desenvolver pelas províncias otomanas, especialmente as ocidentais, reelaborando as formas de identificação dos indivíduos com suas comunidades, línguas, e tradições. Enquanto o sultanato otomano enfrentava um processo de decadência, transformando-se em uma monarquia constitucional, rompendo definitivamente a concha de retalhos que havia permitido o próprio desenvolvimento do império.

O esgotamento econômico, político e militar da administração otomana demonstrava a falência de uma estrutura social agrária dominada pela autocracia do sultanato. As reformas efetuadas durante a *Era Tanzimat*, como a fugaz experiência democrática com a instauração de uma Constituição em 1876, e de um parlamento de duas câmaras, *Meclis-i Mebusanv* (Câmara dos Deputados) e *Meclis-i Ayan* (Câmara dos Notáveis), representava um projeto de integração étnica e política dos diferentes povos que integravam o Império, evidenciando uma tentativa de diminuir as rupturas e o despertar de nacionalismos. Contudo, o agravamento da crise financeira otomana e os contínuos conflitos nas fronteiras, induziam a intensos debates nas câmaras sobre a competência administrativa do sultanato para solucionar os problemas, criando um terreno fértil para movimentos políticos.

A Revolução de 1908 foi o ápice do descontentamento social com o governo. O movimento surgiu no seio da elite intelectual militar e administrativa, formada durante a era *Tanzimat*, que se organizava entorno de uma organização política, o Comitê de União e Progresso – CUP (*Ittihad ve Terakki Cemiyeti*), que deflagrou uma rebelião que se alastrou pelo Império. Um dos resultados imediatos desta revolução foi a retomada da experiência de um sultanato constitucional, com a abertura do *Meclis-i Mebusanv*, e a criação de partidos políticos de cunho étnico (especialmente árabe e armênio). Podemos apontar também o fortalecimento das forças militares e dos partidos políticos,

especialmente a CUP, na estrutura política em detrimento do poder político do sultanato.

O alvoroço criado por essas mudanças políticas foi aproveitado pelos inimigos do Império, para pressionar as suas fronteiras, o que desencadeou em uma das medidas mais impopulares do governo otomano, que foi a extensão do serviço militar obrigatório a todos os súditos, especialmente os cristãos em 1909. A imposição de integrar fileiras de um exército com a oficialidade majoritariamente turca, e engajada em diferentes frentes batalha representava para o camponês libanês, sírio, armênio, entre outros um perceptiva de uma vida assustadora, e de provável morte. Esta medida, em conjunto a crise política e social do Estado otomano acelerou o processo migratório de súditos otomanos para outros continentes, especialmente para a América. O “Novo Mundo” atuou como um ímã para os imigrantes que procuravam melhores condições de vida e oportunidade para enriquecer, países como Brasil, México, Estados Unidos e Argentina foram os que mais receberam imigrantes. Os primeiros imigrantes sírios e libaneses começaram a desembarcar no Brasil, ainda durante a segunda metade do século XIX, quando o desenrolar de conflitos religiosos nas províncias otomanas; tendo a maior colônia se constituído em São Paulo, e em menor escala nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

A crescente insatisfação da população otomana com o governo constitucional, as revoltas internas e a pressão estrangeira sobre as fronteiras, como a guerra ítalo-turca (1911-1912) e as duas guerras dos Balcãs (1912-1913), promoveram a radicalização política do governo com foco no nacionalismo essencialmente turco, tendo como principal articulador a CUP apoiada em grupos militares; que desencadearam um golpe em 23 de janeiro de 1913, conhecido como *Bâb-i Âlî Baskini* (Ataque a Sublime Porta). A CUP assumiu o poder na figura de três de seus principais líderes políticos, Mehmed Tallat (Ministro do Interior), Ismail Enver (Ministro de Guerra), e Ahmed Djemal (Chefe Militar de Constantinopla), que juntos formaram o triunvirato, que contava com o apoio de políticos influentes e tinha o Sultão sobre seu controle. Esta última transformação política do Estado otomano representou no campo ideológico a construção de um nacionalismo turco dentro dos limites de grande império multiétnico, o que acarretou a exclusão de grupos minoritários do poder político, que anteriormente haviam integrado os revolucionários de 1908 e a própria CUP. Deputados árabes, armênios, drusos, gregos foram cassados e presos, assim como demais integrantes de

seus partidos, organizações nacionalistas foram fechadas, e qualquer propaganda ou meio de comunicação que tivesse algum cunho étnico, há exceção do turco.

Com o advento da Primeira Guerra Mundial em 1914, o Império encontrava-se fragilizado, pois havia se envolvido em constantes guerras nos últimos anos, que consumiram seus recursos humanos e financeiros, aumentando a frustração da população. Seu envolvimento no conflito em novembro se constituiu como uma aposta ariscada da CUP, na tentativa de barrar a interferência estrangeira em sua economia e reconquistar parte dos territórios perdidos ao longo dos anos. Para isso o governo se empenhou em construir uma propaganda nacionalista expressa nos ministérios, nos jornais e na administração provincial. Ao analisar este período, percebemos que o sistema de correios otomanos desempenhou um papel fundamental na disseminação da propaganda ideológica de cunho nacionalista.

Ou seja, em um período no qual o principal meio de comunicação entre as diferentes partes do Império se dava por meio de cartas enviadas pelos correios, a produção de selos de teor ufanista demonstram a construção de um projeto de reativação da força política do sultanato, na figura de Mehmet V, quanto de centralização administrativa entorno da cúpula da CUP. Deste modo, os selos utilizados pela administração otomana na cobrança do serviço de postagem, foram utilizados com veículos de propaganda, ao estampar o Sultão, a capital imperial (Constantinopla), bem como a vitória militar mais significativa dos otomanos durante os eventos da guerra mundial, que foi a Batalha de Galípoli em 1915 (onde os turcos conseguiram impedir uma invasão de forças britânicas e francesas na península de Galípoli); bem como representações das outras frentes de combate na guerra.

Evidenciando a tentativa do governo otomano de resgatar o que eles consideravam como a “grandiosidade do passado otomano”, através do despertar do nacionalismo turco, além de demonstrarem seu envolvimento na guerra como um ato defensivo frente aos interesses das potências aliadas que almejavam a desintegração do Império. A partir dessas reflexões, concluímos que os selos emitidos durante o governo dos Jovens Turcos, representavam nas suas imagens uma “visão de mundo”, centrada na construção de um modelo de Estado//Nação sustentado pelo discurso ideológico nacionalista dos dirigentes do Partido União e Progresso (CUP), que representava os interesses da burguesia turca em reconquistar o esplendor do auge do domínio otomano,

ao mesmo tempo em que reafirmava a soberania turca sobre as outras identidades étnicas que integravam o Império. Esta experiência acabou acelerando a desintegração territorial, e a já decadente instituição do sultanato, que com a guerra da independência da República da Turquia, encontrou seu fim.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANDERSON, Benedict R.. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo* / Benedict Anderson; tradução Denise Bottman. – São Paulo: companhia das Letras, 2008.

BÂBIÂLİ BASKINI, *Balkan Harbi sırasında İttihatçılar tarafından gerçekleştirilen kanlı hükümet darbesi (23 Ocak 1913)*. Islamansiklopedisi, 1991. Disponível em: <<https://islamansiklopedisi.org.tr/babiali-baskini>>. Acesso: mar. 2020.

BARTHES, Roland. *A Câmera Clara. Notas sobre fotografia* / Roland Barthes; tradução de Júlio Castañon Guimarães. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BECKER, Jean- Jacques. *O Tratado de Versalhes* / Jean-Jacques Becker; tradução Constanca Egrejas. – São Paulo: Editora Unesp, 2011. 224p.

BROWN, Malcolm. *T. E. Lawrence (Lawrence da Arábia)* / Malcolm Brown; tradução Sergio Barcellos, Luiz Sérgio Toledo. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

BURAK, Durdu Mehmet. *Osmanlı Devleti'nde Jön Türk Hareketinin Başlaması ve Etkileri*. Journal of Ankara University Ottoman History Research and Application Center, n° 14, pág. 291-318. Ankara-Turquia: Universidade de Ankara, 2003. Disponível em: <<http://kaynakca.hacettepe.edu.tr/eser/165917/osmanli-devleti-nde-jon-turk-hareketinin-baslamasi-ve-etkileri>>. Acesso: ago. 2020.

CABRAL, Luciano Mendes. *Selos, moedas e poder: o Estado Imperial brasileiro e seus símbolos* / Luciano Mendes Cabral. – Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

ENGLUND, Peter. *A beleza e a dor: uma história íntima da Primeira Guerra Mundial* / Peter Englund; tradução do sueco por Fernanda Sarmatz Akesson. – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FERGUSON, Niall. *Civilização: ocidente X oriente* / Niall Ferguson; tradução de Janaina Marco Antônio. -2º ed. – São Paulo: Planeta, 2016.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia* / José Luiz Fiorin. São Paulo: Editora Ática, 2001.

EKINCI, Ekrem Bugra. *Ottoman postal system: Backbone of a grand empire*. Dayle Sabah, Istanbul, 03 de novembro de 2017. Disponível em: <<https://www.dailysabah.com/feature/2017/11/03/ottoman-postal-system-backbone-of-a-grand-empire>>. Acesso: jul. 2020.

FROMKIN, David. *Paz e guerra no Oriente Médio: a queda do Império Otomano e a criação do Oriente Médio Moderno* / David Fromkin; tradução de Teresa Dias Carneiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* / E. J. Hobsbawm; tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOURANI, Albert. *O pensamento árabe na era liberal 1798-1939*. Albert Hourani; tradução Rosaura Eichenberg. – São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Uma História dos Povos Árabes* / Albert Hourani; tradução Marcos Santarita. – São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

KHATLAB, Roberto. *As viagens de D. Pedro II: Oriente e África do Norte, 1871-1876* / Roberto Khatlab. – São Paulo: Benvirá, 2015.

KLOETZEL, James E. *Standard Postage Stamp Catalogue – Countries of the world S-Z vol. 6* / James E. Kloetzel (editor). Estados Unidos: Scott Pub Inc Co , 2007. Disponível no site: <<https://www.pdfdrive.com/scott-2007-standard-postage-stamp-catalogue-countries-of-the-world-so-z-scott-standard-postage-stamp-catalogue-vol-6-so-z-e15715-1646.html>>. Acesso: mar. 2020.

LAWRENCE, T. E. *Os Sete Pilares da Sabedoria* / T. E. Lawrence; tradução de C. Machado; prefácio de Fernando Monteiro. – 6ªed. – Rio de Janeiro: Record, 2016

LEWIS, Bernard. *O que deu errado no Oriente Médio?* / Bernard Lewis; tradução Maria Luiza X de A. Borges. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Crise do Islã: guerra santa e terror profano* / Bernard Lewis; tradução, Maria Lúcia de Oliveira. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LINHARES, Maria Yedda. *Orientes Médio e o Mundo Árabe* / Maria Yedda Linhares, revisão de José W. S. Soares. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.



MEIHY, Murilo Sebe Bom. *História e atualidade da imigração libanesa no Brasil*. In *Brasil – Líbano: Legado e Futuro* / Ligia Maria Scherer, Felipe Haddock Lobo Goulart, Pedro Augusto Franco Veloso (organizadores). – Brasília: FUNAG, 2017. Disponível em: <<http://funag.gov.br/biblioteca/download/1230-as-relacoes-brasil-libano-legado-efuturo.pdf>>. Acesso: jun. 2019. (pág. 147-162)

MORGENTHAU, Henry (1856-1946). *A história do embaixador Morgenthau: o depoimento pessoal sobre um dos maiores genocídios do século XX* / Henry Morgenthau; tradução Marcello Lino. – São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MCMEEKIN, Sean. *O expresso Berlim-Bagdá: o Império Otomano e a tentativa da Alemanha de conquistar o poder mundial, 1898-1918* / Sean McMeekin; tradução Maria Silvia Mourão Netto. – São Paulo: Globo, 2011.

OSMANLI İmparatorluğunda Posta Teşkilatı. Turkishpostalhistory, 2008. Disponível em:<<https://www.turkishpostalhistory.com/index.php/tr/m-articles/m-ottoman-empire/-m-otto-postal-history/17-organization-of-ottoman-post>>. Acesso: mar. 2020.

PALMER, Alan. *Declínio e Queda do Império Otomano* / Alan Palmer; tradução Gleuber Vieira. São Paulo: Globo, 2013.

PAIVA, Eduardo França. *História & imagens* / Eduardo França Paiva – 2 ed., 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 120 p. (Coleção História & .... Reflexões, 1)

RÉMOND, René. *Introdução à História do Nosso Tempo*. Do Antigo Regime aos Nossos Dias. Lisboa (Portugal): Gradiva, 2003.

ROBINSON, Francis. *O Mundo Islâmico, O esplendor de uma fé*. Barcelona: Folio, 2007.

SANTOS, Ana Carolina dos Santos. *Percepções sobre o Império Otomano na obra de Arnold J. Toynbee*. São Paulo-SP: Universidade de São Paulo, 2018. Disponível no site: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20032019-125048/pt-br.php>>. Acesso: abr. 2020. (Dissertação de Mestrado)

SAID, Edward W.. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* / Edward W. Said; tradução Tomás Rosa Bueno. – São Paulo: Companhia das Letras 1990.

SCHIAVON, Max. *A frente oriental: do desastre de Dardanelos à vitória final, 1915-1918* / Max Schiavon; tradução Marcelo Oliveira Lopes Serrano. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2017.

SIMON, Rachel. *Italo-Turkish War 1911-1912*. In. 1914-1918 online; International Encyclopedia of the First World War. Berlin, 23 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/italo-turkish\\_war\\_1911-1912](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/italo-turkish_war_1911-1912)>.

Acesso: ago. 2020

SOUZA, Felipe Alexandre Silva de. *Sultões e Banqueiros: a dominação financeira europeia no Império Otomano*. Revista de Pesquisa Histórica (CLIO-Recife), n. 36, jan-jun. 2018. Recife: UFPE, 2018;. p. 137-155. Disponível em: <<file:///C:/Users/RB%20I-NFORMATICA/Downloads/25046-121529-1-PB.pdf>>. Acesso: abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Os súditos rebeldes do Sultão de Constantinopla: A insurreição Grega na questão oriental (1821-1830). BUENO, Andre; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria [orgs.]. Próximos Orientes. União Vitória/ Rio de Janeiro: Edição Especial Sobre Ontens – LAPHIS/UNESPAR, 2018. Disponível em: <[www.revistasobreontens.site](http://www.revistasobreontens.site)>. Acesso: jun. 2020.

SOCHACZEWSKI, Monique. *Do Rio de Janeiro a Istambul. Contrastes e conexões entre o Brasil e o Império Otomano (1850-1919)* / Monique Sochaczewski. Brasília: FUNAG, 2017.

\_\_\_\_\_. *O Império Otomano e a Grande Guerra*. Revista Brasileira de Estudos Estratégicos. v.1, nº5, jan. 2013- jun. 2014. Rio de Janeiro: UFF-INEST, 2014. Disponível em: <[https://www.academia.edu/13447977/O\\_Imp%C3%A9rio\\_Otomano\\_e\\_a\\_Grande\\_Guerra](https://www.academia.edu/13447977/O_Imp%C3%A9rio_Otomano_e_a_Grande_Guerra)> . Acesso: abr. 2019.

STEVENSON, David. *1914-1918: a história da Primeira Guerra Mundial* / David Stevenson; traduzido por Valter Lellis. Barueri-SP: Novo Século Editora, 2016.

TOYNBEE, Arnold Joseph (1889-1975). *Atrocidades turcas na Armênia em 1915: denúncias de grandes personalidades*/ por Arnold T. Toynbee; com um discurso proferido por Lorde Bryce na Câmara dos Lordes. – São Paulo: Paz e Terra, 2003.

TRUZZI, Oswaldo. *Sírios e libaneses no oeste paulista – décadas de 1880 a 1950*. Revista Brasileira De Estudos De População, nº 36; pág.1-27. Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.20-947/s0102-3098a0086>>. Acesso: 20 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. *Presença árabe na América do Sul*. Revista História Unisinos, v. 11, nº 3; pág.359-366. São Leopoldo-RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos; 2007. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/in-dex.php/historia/article/view/5914>> . Acesso: dez. 2019.

\_\_\_\_\_. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1993. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/h-andle/REPOSIP/280049>>. Acesso: jul. 2018. (Tese de doutorado)

VARGAS, Serena. *O processo de secularização na Turquia e a política externa do país durante o governo de Mustafá Kemal (1923-1938)*. Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/168609>>. Acesso: ago. 2020. (Monografia)

YAZICI, Kubilay. Tarih öğretiminde posta pullarının kullanılabilirliğine bir örnek “100 posta pulu ile türk tarihinden bir kesit – 1863-1950 yılları arası”. International journal of Eurasia Social Sciences, vol. 5, nº16, pag. 176-199. Disponível em: <<http://www.ij-oess.com/DergiTamDetay.aspx?ID=204&Detay=Ozet>>. Acesso: out. 2020

## ANEXOS

## ANEXO I



Figura II: Gravura representando soldado janizaro. Autoria de Etienne Huyot, produzida entre 1859-1860. Coleção de imagens da Divisão Wallach. In. Biblioteca Pública de Nova York (New York Public Library). Disponível em: <<https://digitalcollections.nypl.org/it-ems/510d47e0-e770-a3d9-e040-e00a18064a99>>. Acesso: ago. 2020

## ANEXO II



Figura: Ilustração de traje militar dos soldados turcos de 1810-1817. A coleção Vinkhuijzen de uniformes militares, 1910. In. Biblioteca Pública de Nova York (New York Public Library). Disponível em: <<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47da-c8d7-a3d9-e040-e00a18064a99>>. Acesso: ago. 2020.

